

REM

A Educação Patrimonial no Museu **Mediação com o público Sênior e os Serviços Educativos**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Teresa de Gouveia Correia

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2025

A Educação Patrimonial no Museu
Mediação com o público Sénior e os Serviços Educativos
RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Teresa de Gouveia Correia
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO
Rui Alexandre Carita Silvestre



Faculdade de Artes e Humanidades
Mestrado em Gestão Cultural

**A Educação Patrimonial no Museu: Mediação com o Público Sénior
e os
Serviços Educativos**

Relatório de Estágio de Mestrado

Maria Teresa de Gouveia correia
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

Orientação: Professor Doutor Rui Alexandre Carita

O presente das coisas passadas é a memória; o presente das coisas presentes é a vida, e o presente das coisas futuras é a espera. A nossa relação com a cultura apenas pode ser entendida, assim, a partir da História, das diferenças, da complexidade e do pluralismo, da responsabilidade e da capacidade de criadora.

Guilherme d'Oliveira Martins

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha sincera gratidão a todas as pessoas que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste estágio e para a concretização deste relatório.

Ao meu orientador, Professor Doutor Rui Carita, pela sua orientação e pelos valiosos conselhos que guiaram o desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Doutora Teresa Nascimento, Diretora de Curso do Mestrado em Gestão Cultural, pela orientação e rigor científico com que orienta este mestrado.

Ao Dr. Martinho Mendes, pelo seu incentivo e pela colaboração na escolha do tema deste estágio.

À Dra. Liliana Melim, minha orientadora e Coordenadora dos serviços Educativos do museu, pela sua dedicação e disponibilidade.

Aos diretores do Museu, Dr. João Henrique e Dra. Graça Alves pela oportunidade concedida de realizar este estágio, pela confiança depositada e pelo apoio manifestado durante todo o processo. O vosso acolhimento e disponibilidade foram determinantes para a qualidade desta experiência.

Quero deixar um agradecimento muito especial ao meu marido, à minha filha e ao meu pai pelo seu apoio incondicional e compreensão.

Foram a minha força nos momentos de maior fragilidade, acreditaram em mim mesmo quando a minha vontade de desistir se sobrepunha, e ajudaram-me a reencontrar a motivação para continuar. A paciência, o incentivo e a confiança que sempre me transmitiram foram fundamentais para que este trabalho pudesse ser concluído.

Aos meus amigos, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a prosseguir, mesmo nos momentos em que as dúvidas e o cansaço pareciam mais fortes.

A todos muito obrigada!

Resumo

A presente relatório tem como objetivo refletir sobre o papel da educação patrimonial no museu, com especial enfoque na mediação dirigida ao público sénior e na relevância dos serviços educativos enquanto agentes dinamizadores da relação entre o património e a comunidade. Partindo da compreensão do museu como espaço de educação não formal e de inclusão social, procura-se evidenciar a importância da participação dos idosos em experiências culturais que promovem não apenas a valorização da memória coletiva, mas também o fortalecimento da identidade individual e social. O estudo reflete ainda sobre a função dos serviços educativos na criação de estratégias de mediação que possibilitem o acesso ao património a diferentes públicos, destacando a pertinência de projetos que ultrapassem os limites físicos da instituição museológica e que cheguem até contextos como lares e centros de acolhimento. Neste sentido, a investigação sublinha o papel do museu como promotor de cidadania cultural, de envelhecimento ativo e de inclusão social, reafirmando a sua relevância enquanto espaço de aprendizagem, diálogo e partilha de saberes.

Relata-se ainda as atividades e das reflexões desenvolvidas ao longo do estágio curricular, que contribuíram para o enriquecimento dos Plano de Atividades do Museu de Arte Sacra do Funchal instituição que foi a sede deste projeto.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Serviços Educativos; Museu; Público Sénior; Mediação Cultural.

Abstract

This dissertation aims to analyze the role of heritage education in museums, with a special focus on mediation aimed at senior citizens and the importance of educational services as agents that foster the relationship between heritage and the community. Understanding the museum as a space for informal education and social inclusion, the dissertation seeks to highlight the importance of older adults' participation in cultural experiences that promote not only the appreciation of collective memory but also the strengthening of individual and social identity.

The study also reflects on the role of educational services in creating mediation strategies that enable access to heritage for different audiences, highlighting the relevance of projects that go beyond the physical boundaries of the museum institution and reach contexts such as nursing homes and shelters. In this sense, the research emphasizes the role of the museum as a promoter of cultural citizenship, active aging, and social inclusion, reaffirming its relevance as a space for learning, dialogue, and knowledge sharing.

It also includes a report on the activities and reflections developed throughout the internship, which contributed to the enrichment of the Activity Plans of the Funchal Museum of Sacred Art, the institution that hosted this project.

Keywords: Heritage Education; Educational Services; Museum; Senior Citizens; Cultural Mediation.

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo	II
Abstract	III
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – METODOLOGIA.....	2
OBJETIVO GERAL	3
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	3
CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
Cultura e Património Cultural.....	4
O património cultural material e imaterial	7
• O Património Material	7
• O Património Imaterial	8
Educação formal, não formal e informal.....	10
• A Educação Formal	12
• A Educação não – formal	14
• A educação informal	17
Educação Patrimonial.....	19
• Os objetivos da Educação Patrimonial:	23
O Museu	24
A educação no Museu.....	28
A Educação museal	29
Papel dos Serviços Educativos no Museu.....	35
O Público Sénior.....	38
Caracterização do Público Sénior.....	42
O Público Sénior e o Museu	43
Desafios na mediação com o público sénior	46
O papel dos Serviços Educativos na promoção da acessibilidade cultural com o público Sénior.....	49
CAPÍTULO III- O MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL.....	52

O museu de Arte Sacra do Funchal- Edifício e coleção	52
Os serviços educativos do MASF	62
CAPÍTULO IV - O ESTÁGIO CURRICULAR.....	63
Participação nas atividades gerais dos Serviços Educativos	64
Atividades Desenvolvidas durante o Estágio	65
CAPÍTULO V- APRECIÇÃO CRÍTICA.....	99
Relação entre o mestrado de Gestão Cultural e o Estágio Realizado	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

O presente relatório reúne a investigação desenvolvida ao longo do Mestrado em Gestão Cultural focada na implementação e diversificação de atividades no Serviço Educativo especialmente dirigidas ao público sénior.

A educação patrimonial é fundamental para a preservação da memória e do sentido de pertença a um lugar. Por outro lado, e tendo em conta o envelhecimento da população e a necessidade de viver esta fase da vida de forma ativa, pretendemos expandir o alcance do Museu, promovendo, dentro e fora do seu espaço, atividades que visassem conhecer a sua história, compreender as suas coleções e relacioná-las com as memórias e vivências das comunidades.

O Museu é um espaço de reflexão e diálogo, potenciando novos modos de olhar a arte, o mundo e, no caso do Museu de Arte Sacra, o Sagrado.

Na verdade, o facto de trabalharmos no Museu de Arte Sacra do Funchal e de, ao longo de vários anos, termos acompanhados, em diversas tarefas, a vida desta Instituição, animou-nos no sentido de procurar outros modos de comunicar as peças, atividades que reforçassem a inclusão, o bem-estar e o acesso à cultura deste grupo de visitantes.

Partindo do reconhecimento desta realidade e do aumento do pedido de Instituições, de Centros de Dia e de Universidades Sénior para visitar esta instituição e, apoiada na Literatura que, de algum modo, enquadrava teoricamente estes assuntos, partimos para a planificação de atividades específicas, de modo a dar resposta aos interesses deste público, contribuindo para a sua promoção pessoal, cultural e social. Essas atividades fizeram parte do Plano Anual de Atividades do Museu.

Este relatório está dividido em cinco capítulos. No primeiro, exploramos a relevância do tema e definimos os objetivos gerais e específicos que julgamos pertinente perseguir; apresentamos, seguidamente, o enquadramento teórico que sustentou o nosso projeto, na Instituição Museu de Arte Sacra do Funchal que caracterizamos no Capítulo III. As atividades desenvolvidas e uma análise crítica ao trabalho realizado foram objeto dos capítulos seguintes.

Após a conclusão, reuniremos as referências bibliográficas utilizadas e os anexos que consideramos importantes para a melhor compreensão deste estágio curricular.

CAPÍTULO I – METODOLOGIA

«A educação patrimonial no Museu: mediação com o público sénior» foi o tema escolhido para o estágio de Mestrado em Gestão Cultural, da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira.

A investigação parte do reconhecimento da necessidade de crescente em adaptar as práticas museológicas e educativas a todos os públicos, com principal incidência sobre o público sénior, num cenário marcado pelo envelhecimento e pela falta de atividades potenciadoras da sua acessibilidade cultural.

Nesse sentido, traçamos, como eixo central do nosso projeto a valorização da mediação cultural como ferramenta estratégica para o envelhecimento ativo, propondo, por um lado, o acesso desta faixa etária à educação patrimonial, através do contacto com o acervo do Museu e da partilha de memórias e experiências.

Na verdade, o Museu é um espaço vivo e a comunicação das suas coleções exige a adaptação às diferentes expectativas e necessidades dos vários públicos que o visitam. Por outro lado, a noção de que as limitações, quer do Museu que não dispõe de elevador, quer de alguns visitantes que, por questões diversas, estão impedidos de o visitar, fez-nos trabalhar, no sentido de “levar o museu”, até eles, planificando atividades que pudessem ser desenvolvidas nas instituições que os recebem.

No âmbito dos serviços educativos do museu, a mediação com o público sénior exige metodologias participativas e sensíveis às suas vivências, conhecimentos prévios e ritmos de aprendizagem. Ao criar pontes entre o património e a sua experiência de vida e as suas memórias, desenvolvemos as suas competências, fomentamos o seu envolvimento social, combatemos o isolamento e contribuímos para o seu bem-estar e a sua inclusão.

Definimos, então, os objetivos deste projeto.

OBJETIVO GERAL

Desenvolver práticas de educação patrimonial no museu, centradas na mediação cultural com o público sénior, de forma promover a valorização do património, o acesso cultural, a inclusão social, a participação cultural e o diálogo intergeracional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Adaptar metodologias e conteúdos museológicos às características cognitivas, sensoriais e emocionais deste grupo etário;
- Fomentar a acessibilidade cultural, o diálogo e a relação com o Museu;
- Reforçar o papel do Museu como espaço de diálogo e de partilha;
- Explorar o Museu como lugar de memória e de identidade de um povo;
- Promover comportamentos e atitudes de respeito, inclusão e valorização das diferenças;

Passámos, seguidamente, para a leitura e análise crítica de literatura que pudesse enquadrar teoricamente o nosso projeto, de modo a elaborarmos um plano de trabalho, com estratégias que nos conduzissem à consecução destes objetivos, enriquecendo não só a programação cultural, mas a própria missão da instituição, enquanto agente de coesão social e de desenvolvimento pessoal e comunitário.

A educação patrimonial, enquanto abordagem que promove a compreensão crítica e a valorização do património, apresenta-se como um recurso fundamental na gestão cultural. Para os responsáveis pela programação e mediação cultural nos museus, integrar estratégias de mediação direcionadas para o público sénior não é apenas uma questão de acessibilidade, mas também de sustentabilidade cultural. Este público, detentor de memórias e narrativas que complementam o acervo institucional, pode contribuir ativamente para a construção de novos significados e para o enriquecimento da programação.

Nos serviços educativos, a mediação cultural orientada para o público sénior implica a utilização de metodologias inclusivas, participativas e baseadas no diálogo, pressupondo a

adaptação de linguagens, a integração de recursos multissensoriais e a criação de atividades que permitam a apropriação ativa dos conteúdos, favorecendo uma relação mais afetiva e duradoura com o património.

Neste sentido, o tema que orientou o estágio revela-se relevante não apenas como prática educativa, mas como estratégia de gestão cultural alinhada com as atuais tendências museológicas, que colocam o visitante no centro da experiência e reconhecem o museu como espaço de encontro, diálogo intergeracional e coesão social.

CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Cultura e Património Cultural

A cultura é um dos elementos fundamentais que define a identidade de um povo. Representa o conjunto de valores, crenças, costumes, conhecimentos, tradições e expressões artísticas que caracterizam uma sociedade ao longo do tempo. Todos os indivíduos têm direito a ela.

Através dela, se partilham modos de vida e formas de organização social, garantindo a transmissão de saberes e práticas de geração em geração.

Segundo Santos (2006):

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana (pp. 28 e 29).

Dentro deste vasto conceito, surge a noção de património cultural, que engloba todos os bens materiais e imateriais que representam a herança cultural de uma comunidade. Trata-se,

então, de um conjunto de bens, tradições e manifestações que representam a identidade, história e valores de uma sociedade ou grupo social e que garante o seu sentido de pertença.

Na declaração do México de 1982, a UNESCO esclarece, no ponto 23, o que se entende como património cultural:

works of its artists, architects, musicians, writers and scientists and also the work of anonymous artists, expressions of the people's spirituality, and the body of values which give meaning to life. It includes both tangible and intangible works through which the creativity of that people finds expression: languages, rites, beliefs, historic places and monuments, literature, works of art, archives and libraries. ¹

O património cultural engloba tanto os bens materiais, como monumentos, edifícios históricos e obras de arte, quanto os imateriais, como tradições, saberes, festividades e expressões linguísticas. Cada peça deste património – seja uma catedral secular, uma dança tradicional ou uma lenda transmitida oralmente – carrega consigo a memória coletiva de um povo e os seus testemunhos de resistência, criatividade e evolução.

O património cultural constitui um dos elementos fundamentais da identidade de um povo, refletindo as suas tradições, história e valores. A sua preservação e valorização tornam-se essenciais para garantir a continuidade da memória coletiva e a transmissão de conhecimentos às gerações futuras. É, pois, crucial, a sua preservação e a sua valorização, garantindo, deste modo, que as gerações futuras possam compreender, vivenciar e acima de tudo, respeitar as culturas que nos precederam. Por outro lado, conhecendo o passado e fortalecendo a memória coletiva, é possível promover a educação para a cidadania, para a diversidade e para um desenvolvimento sustentável. Trata-se, então, de conhecer o passado para construir o presente, como afirma Martins (2020):

o património cultural, longe de se submeter a uma visão estática e imutável, tem de ser considerado como um “conjunto de recursos herdados do passado”, testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança (p. 7).

¹ UNESCO (1982), Mexico City Declaration on Cultural Policies, World Conference on Cultural Policies, Mexico City, 26 de julho – 6 de agosto de 1982.

Património e memória não se restringem, assim a um legado histórico transmitido pelas gerações anteriores; trata-se, simultaneamente, de um processo dinâmico de reinterpretação e valorização no presente.

Compreendendo o património cultural como um pilar fundamental da construção da humanidade, procuramos refletir no modo como o museu deve ser apresentado como lugar da memória, preservando o património cultural e, deste modo, abrindo novas portas para a construção do mundo. Concordamos com Santos (2000), ao reconhecer o património cultural como:

Um instrumento de educação e desenvolvimento social. Portanto, as questões relativas à democratização do conhecimento e ao papel social do museu estão intrinsecamente relacionadas com a nossa postura diante do mundo, como pesquisadores e educadores, e ao reconhecimento da história como possibilidade, e não como determinação (p. 4).

Entender o património exige não apenas o conhecimento da sua trajetória histórica, mas também a análise dos processos que garantiram a sua preservação ao longo do tempo e das diferentes formas como as gerações anteriores o interpretaram e valorizaram. Só assim será possível valorizar a riqueza histórica e cultural de seus antepassados. Segundo Peralta e Anico (2006):

Património e identidade são dois termos intimamente relacionados claramente indissociáveis um do outro, ao serviço do desenvolvimento e em salvaguarda da memória. É através do património que a identidade se representa, fazendo com que estes dois parâmetros se entreatudem, cada um à sua maneira, consoante a função (p.1).

Cabe a cada sociedade proteger a sua identidade cultural, respeitando as influências externas sem perder a essência das suas tradições. Afinal, é através do património que se perpetuam as memórias, se fortalece a identidade e se constrói uma ponte entre o passado, o presente e o futuro. Segundo Perira e Xerardo (2006):

O património cultural é, por isso, um conjunto de memórias, rituais que marcam e diferenciam diversas identidades de grupos humanos e que são transmitidos ao futuro. (p.23).

Portanto, valorizar e preservar o património cultural não é apenas um ato de reconhecimento do passado, mas também uma responsabilidade no presente e um investimento no futuro.

O património cultural material e imaterial

De acordo com a Lei n.º 13/85 de 6 de julho de 1985², o património cultural português é “constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”.

O Patrimônio Cultural é um pilar fundamental da identidade humana, refletindo a diversidade, a história e as tradições das sociedades ao redor do mundo. Sua preservação é crucial não apenas para o fortalecimento da memória coletiva e da educação, mas também para a promoção da diversidade cultural e do desenvolvimento sustentável. Por meio da proteção e valorização do patrimônio, conseguimos assegurar que as gerações futuras possam compreender, vivenciar e, acima de tudo, respeitar as culturas que nos precederam.

Nesse sentido, ao pensarmos em património cultural, temos, necessariamente de incluir todo o conjunto de bens transmitidos de geração em geração, sejam eles bens materiais ou imateriais, que contribuem para a identidade e a memória coletiva do povo.

Trata-se, então de duas categorias, uma que engloba elementos tangíveis e outra que reúne o conjunto de bens intangíveis transmitidos ao longo do tempo pelas sociedades.

- **O Património Material**

O património material constitui um dos pilares fundamentais da identidade cultural de uma sociedade. Representando a herança tangível deixada pelas gerações passadas, este património abrange monumentos, edifícios históricos, artefactos arqueológicos, paisagens culturais e outros elementos que possuem valor histórico, estético e social.

² Portugal. (1985). Lei n.º 13/85, de 6 de julho. Lei do património cultural português. Diário da República n.º 153/1985, Série I.

Dentro desta classificação, podemos ainda ter duas categorias: bens móveis e imóveis.

Os imóveis são estruturas fixas que não podem ser deslocadas sem danos, como:

- Cidades históricas;
- Sítios arqueológicos;
- Paisagens Culturais;
- Monumentos arquitetónicos, como igrejas, castelos e praças.

Os bens móveis, incluem objetos que podem ser transportados sem danos, como por exemplo:

- Pinturas;
- Esculturas;
- Alfaias;
- Artesanato;
- Livros;
- Entre outros, muitas vezes constituintes de acervos museológicos.

A sua preservação não se limita à sua conservação física, mas envolve também a compreensão do seu significado simbólico e o seu papel na construção da memória coletiva.

Nesse sentido, a gestão do património material tem sido objeto de estudo e debate académico com o objetivo de equilibrar a sua conservação com o desenvolvimento urbano, turístico e económico, garantindo simultaneamente a sua acessibilidade e fruição pelas comunidades locais.

- **O Património Imaterial**

O património cultural imaterial inclui as expressões culturais intangíveis, como tradições orais, festividades, rituais, danças, música e saberes ancestrais, que refletem os costumes e a identidade das comunidades.

Na convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da Humanidade, a Unesco (2003) compreende por Património Cultural Imaterial,

“(…) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”. (artigo 1)

Este património é transmitido de geração em geração, é recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interacção com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.

Nesta convenção, são elencados os bens que se incluem nesta categoria e que, ao longo do tempo, têm passado para as gerações futuras, fazendo parte da herança cultural das comunidades:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional. (Artigo 2º, parágrafo 1)

Educação formal, não formal e informal

Reconhecida como um direito humano universal, indispensável à promoção da dignidade, à realização pessoal e ao desenvolvimento sustentável das comunidades, a educação envolve a formação de competências, valores e atitudes que permitem ao indivíduo participar ativamente na vida social, económica e cultural.

Ao longo da história, os modelos educativos têm evoluído em função das transformações sociais, políticas e tecnológicas, refletindo diferentes concepções sobre o ser humano, a aprendizagem e o papel da escola e de outras instituições educativas.

É, pois, um processo fundamental para o desenvolvimento individual e coletivo, assumindo um papel central na construção de sociedades mais justas, equitativas e democráticas. Para Brandão (2004):

ela “abrange todos os processos de formação do indivíduo”. Processos esses que podem desenvolver-se em múltiplos contextos sociais, o que permite compreender a educação não apenas como os mecanismos de ensino-aprendizagem restritos ao espaço escolar, mas também como as experiências formativas que ocorrem em ambientes não escolares. (p.17).

Nos dias de hoje, a educação apresenta-se como um desafio complexo, dinâmico, contínuo e permanente, tanto nos espaços formais como nos não formais, exigindo abordagens integradas, inclusivas e adaptadas às realidades contemporâneas.

Presumindo que o ser humano aprende e se desenvolve ao longo da vida através das interações que estabelece durante o seu processo de crescimento, compreende-se a importância das experiências sociais e relacionais na formação individual. Canário (2006), distingue três processos educativos que se interligam num “continuum” que permanecem como uma referência:

Num continuum educativo que cobre todo o ciclo vital, integram-se e articulam-se processos formais (cujo protótipo é o ensino dispensado na escola), processos não formais (marcados pela flexibilidade de horários, programas e locais, em regra de carácter voluntário, sem preocupações de certificação e pensados “à medida” de

públicos e situações singulares) e processos informais (correspondentes a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que pouco ou nada organizada ou estruturadas) (p.197) .

Podemos verificar pela seguinte descrição de Chagas (1993) que, de facto, estes três níveis de formalização se constituem num processo contínuo, não são separados de forma rígida ou completamente distinta. Pelo contrário, podem e devem ser combinados de forma produtiva:

A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias – escolas e universidades – onde o aluno deve seguir um programa pré-determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogéneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais (p.52).

Delors (2000), por seu lado, defende que a educação constitui um instrumento fundamental para a transmissão de valores, de conhecimento, de cultura e de informação. Segundo o autor “a educação deve transmitir, de facto, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro.” e desenvolve-se em torno de quatro aprendizagens, fundamentais:

Aprender a conhecer, isto é adquirir instrumentos de compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, via essencial que integra a três precedentes. (p.77).

Esta situação decorre também dos contextos em que se desenrola: “pode ocorrer no seio familiar e no envolvimento social e político que produzem diferentes e importantes situações e contextos de aprendizagem”, de acordo com (Cavaco (2002, p.39).

Matias (2013), por seu lado, defende que o processo de aprendizagem ocorre em múltiplos contextos e em vários ambientes e situações:

ocorre, independentemente do lugar, do contexto, da origem, do envolvimento social, da família, sendo um processo transversal e que assenta nas mais variadas vertentes educacionais, socioculturais e informativas presentes no quotidiano da vida em sociedade. (p.14)

Todos estes autores não restringem a educação aos contextos formais das instituições escolares. Apresentam-na como um processo estruturado de transmissão de valores, cultura e conhecimento, um processo que não se esgota no tempo da escola, um processo que se desenvolve durante toda a vida. Esta diferenciação torna-se clara em Afonso (1992):

(...) por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (p.78,79).

De facto, é na multiplicidade de espaços – sejam eles físicos ou simbólicos – que a aprendizagem ganha sentido e profundidade. Desde as vivências do quotidiano até às interações digitais, cada momento representa uma oportunidade de aprender. Assim, educação e aprendizagem entrelaçam-se num contínuo dinâmico e universal, que molda o indivíduo e enriquece a sociedade em qualquer tempo ou lugar. Nesse sentido, em nenhum momento poderá, do nosso ponto de vista, ser dissociada do Património Cultural.

- **A Educação Formal**

A educação Formal tem objetivos claros e formulados legalmente, é deliberada a partir da perspetiva do estudante, dependente de diretrizes educacionais determinadas a nível nacional, tem normas e padrões de certificação previamente definidos, é igual para todos os

participantes e o que a distingue de todas as outras é que conduz a diplomas e qualificações e decorre de um conjunto de mecanismos de certificação de saberes.

A Educação Formal tem lugar na escola, em sala de aula (salvo exceções), centrada na figura do/a professor/a, com predominância de métodos expositivos, sem flexibilidade de horários, sistema de avaliação contínua consistindo essencialmente na realização de testes e de avaliação final na realização de exames.

Devido à sua natureza particular, é relevante destacar o ponto de vista no que diz respeito à educação formal.

Segundo Libâneo (2002):

a educação formal, é o processo de ensino-aprendizagem que decorre num ambiente institucionalizado, com currículos definidos, objetivos pedagógicos claros, níveis de progressão (como ensino básico, secundário e superior), e com certificação reconhecida pelo Estado. Envolve a atuação de professores qualificados e segue um plano educativo previamente delineado. [...] Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Nesse caso, são atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico didático, ainda que realizadas fora do marco do escolar propriamente dito (p.88,89).

A educação formal rege-se, então, pela estruturação, sistematização e formalização das atividades, implicando relações pedagógicas, mas em contextos concretos, como é o caso da sala de aula. Esta não substitui outros tipos de aprendizagem, como a educação informal ou a experiência prática. Ela funciona como uma base sólida, preparando o indivíduo para enfrentar desafios profissionais, sociais e culturais de maneira mais consciente e informada.

Gadotti (2005) define educação formal como:

objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. (p.2)

Em resumo, a educação formal é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento pessoal e social, promovendo conhecimento sistemático, habilidades essenciais e oportunidades de crescimento ao longo da vida.

- **A Educação Não Formal**

O conceito de educação não formal reúne práticas, processos, estratégias e, também, aprendizagens. Nos âmbitos em que estas práticas se desenvolvem, desencadeiam-se diferentes condições para a realização de aprendizagens que revelam ter efeitos multiplicadores em diversas esferas da vida social: na educação para a cidadania, na integração social, nos percursos educativos formais e, ainda, nos itinerários específicos de integração social de populações com origens diversas.

A definição de educação não formal surge no glossário da UNESCO International Bureau of Education:

Educação institucionalizada, intencional e planejada por um provedor educacional. A característica definidora da educação não formal é a de ser um acréscimo, uma alternativa e/ou um complemento à educação formal no processo de aprendizagem dos indivíduos ao longo da vida. Frequentemente, é fornecida a fim de garantir o direito de acesso à educação para todos. Atende a pessoas de todas as idades, mas não se aplica necessariamente a uma estrutura contínua; pode ser de curta duração e/ou intensidade e tipicamente é fornecida na forma de cursos curtos, oficinas ou seminários. A educação não formal leva, na maioria das vezes, a qualificações que não são reconhecidas como formais ou equivalentes a qualificações formais pelas autoridades nacionais ou subnacionais relevantes ou, ainda, a nenhuma qualificação. A educação não formal pode abranger programas que contribuem para alfabetização de adultos e jovens e educação para crianças fora da escola, bem como programas de

habilidades de vida, habilidades de trabalho e desenvolvimento social ou cultural (p.43).

O conceito de Educação Não Formal não implica, assim, a ausência de estrutura ou de intencionalidade educativa, nem significa que os espaços onde ocorre deixem de ter carácter pedagógico, como afirma Von Simson (et al. 2001), na seguinte passagem:

...a transmissão do conhecimento acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repressão em caso de não aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo ensino- aprendizagem e têm uma relação poderosa com o aprender. (p.10).

Esta construção revela-se de grande importância para o desenvolvimento pessoal e social, para a integração, para a atribuição de sentidos à vida. Daí o destaque que Gonh (2006) dá à educação não formal:

a educação não formal pode ser capaz de contribuir para uma educação mais abrangente e envolvida com a formação humana, uma vez que, tem o objetivo de promover a integração social, a formação dos indivíduos à cidadania e a valorização de si mesmos, aquela que se apega no “mundo de vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas quotidianas (p.28).

Esta autora concretiza este conceito, defendendo que a educação não-formal:

aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área (Gonh, 2001, p.31).

Ela complementa a educação formal e informal, porque é detentora de características que criam no sujeito a abertura necessária para a aprendizagem:

A educação não formal constitui uma dimensão fundamental do processo educativo ao longo da vida, complementando a educação formal e informal. Distingue-se pela sua flexibilidade, voluntariedade e capacidade de adaptação às necessidades e interesses dos participantes. As suas bases teóricas assentam numa diversidade de correntes pedagógicas e sociológicas que valorizam a participação ativa, a

aprendizagem experiencial e a construção coletiva do conhecimento (Gonh, 2001, p.32).

A educação não formal apoia-se em teorias que valorizam a autonomia, a participação ativa, a reflexão crítica e a aprendizagem contextualizada. É um campo em constante evolução, que responde aos desafios sociais e promove o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Segundo Trilla (1993), a escolaridade, enquanto principal via de educação, foi ao longo dos últimos séculos sobrevalorizada, assumindo-se como o único meio legítimo de formação do cidadão, excluindo outras formas de aprendizagem, outros espaços que produzem conhecimento, e que por sua vez enriquecem a experiência educativa.

Incluso en las sociedades escolarizadas, la escuela es siempre únicamente un momento del proceso educativo global de los individuos y las colectividades. Con la escuela coexisten siempre otros muchos y variados mecanismos educativos (Trilla, 1993, p.17).

A educação não formal planifica-se e processa-se de outras maneiras. E é nesse sentido que os museus, assim como outras instituições que apresentam outras maneiras de educar são tão importantes:

A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogéneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. (Chagas,1993, p.52).

A educação para o Património passa por este modo de aprender. Os museus são, então, campos favoráveis para educar neste sentido.

A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido. (Gohn, 2008, p.98).

Desde a sua origem, os museus sempre tiveram como missão educar. A função de conservar registros históricos, protegê-los para as gerações futuras e impedir que sejam esquecidos está no cerne dessas instituições. Sejam eles públicos ou privados, guardam uma perspectiva de formação e orientação.

A educação em museus tem-se afirmado como um domínio de estudo e intervenção cada vez mais relevante no campo da educação não formal. Este tipo de espaço cultural ultrapassa a função tradicional de conservação e exposição de objetos, assumindo hoje um papel ativo na promoção do conhecimento, da cidadania e do pensamento crítico. A sua função social revela-se na capacidade de dialogar com diferentes públicos, promovendo a inclusão, a diversidade cultural e o acesso democrático à cultura. Paralelamente, as práticas educativas desenvolvidas em museus são cada vez mais diversificadas e interativas, integrando metodologias participativas que favorecem a construção de saberes significativos. Estas práticas não só enriquecem a experiência dos visitantes, como também suscitam importantes reflexões sobre os processos de aprendizagem, a mediação cultural e a responsabilidade social destas instituições.

Segundo Argan (1993):

a multiplicação dos museus resultou na recusa de considerá-los como um local de simples armazenamento de obras de arte, passando a serem vistos como: “...organismos científicos e didáticos, dotados de equipamentos especiais para o reconhecimento, a análise, a classificação, a conservação e a apresentação crítica de produtos artísticos manufaturados de qualquer gênero. Museus adequados são destinados à arte contemporânea, concebidos como instrumentos de pesquisa e de informação, sem limites de região ou nação (p.23).

- **A educação informal**

A educação informal constitui um processo contínuo e espontâneo de aquisição de conhecimentos, valores, atitudes e competências que ocorre fora do contexto institucionalizado da escola. Caracteriza-se pela sua natureza não estruturada, resultando das interações quotidianas, da experiência de vida e do convívio social. Ao contrário da educação formal, não segue currículos rígidos nem avaliações sistemáticas, mas desempenha um papel

central no desenvolvimento integral do indivíduo, favorecendo a aprendizagem ao longo da vida e a adaptação a diferentes contextos socioculturais.

Na publicação *Terminology of European education and training policy* (2008) do European Centre for the Development of Vocational Training (Cedefop), a nomenclatura referente à educação informal é descrita como:

Aprendizagem resultante das actividades da vida quotidiana relacionadas com o trabalho, a família ou o lazer. Não se trata de uma aprendizagem organizada ou estruturada (em termos de objetivos, duração ou recursos). A aprendizagem informal possui, normalmente, um carácter não intencional por parte do aprendente (p.95).

A educação informal tem desempenhado, historicamente, um papel essencial na sociedade, sendo responsável por orientar as relações interpessoais e promover a convivência harmoniosa entre os indivíduos.

Segundo Trilla 2008):

a educação informal é [...] o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando aquele está indissociavelmente mesclado a outras realidades culturais, quando não emerge como algo diferente e predominante no curso geral da ação em que o processo se verifica, quando é imanente a outros propósitos, quando carece de um contorno nítido, quando se dá de maneira difusa (p.37).

Para Gohn (2006):

a educação informal é traduzida como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc.- carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados (p.28).

Trilla-Bernet (2003) refere que o modo de distinção da educação informal assenta na diferenciação e especificidade do processo educativo:

(...) estaríamos perante um caso de educação informal quando o processo educativo acontece de uma forma indiferenciada e subordinada a outros processos sociais, quando está imiscuído e é inseparável de outras realidades culturais, quando não surge como algo distintivo e predominante no decurso geral da acção em que ocorre

tal processo, quando é imanente para outra tarefa, quando carece de um contorno nítido, quando ocorre de forma difusa (p.27).

Educação Patrimonial

A Educação patrimonial, é um processo educativo voltado para a valorização, preservação e uso social do património cultural material e imaterial. Pode acontecer em diferentes espaços, como escolas, comunidades, associações, espaços públicos, projetos sociais e museus.

Entende-se por Educação Patrimonial:

o ato de educar, isto é, gerar e potenciar a totalidade das capacidades de cada um no sentido de um conhecimento das coisas e dos outros de forma livre e solidária, processo durante o qual a personalidade se forma pela interação de todos os elementos educativos e se projeta em valores de participação, de diálogo, de solidariedade social e identidade cultural e se realiza através de ações e soluções para os diversos problemas. (Custódio, 2000, p. 11).

Um dos principais objetivos da educação patrimonial é desenvolver nos cidadãos a consciência crítica sobre o património (monumentos, bens históricos, tradições, saberes, festas, paisagens culturais), assegurar a sua conservação, valorização e preservação. O bem cultural e a sua relação com a identidade, memória e pertença de uma comunidade é o foco da educação patrimonial.

Ao longo do seu desenvolvimento, as instituições museológicas passaram por grandes mudanças na sua base fundadora e no seu papel social. Assim, os museus deixaram de ser lugares de depósito para serem locais de fruição e comunicação da informação e do conhecimento.

Para além de manterem a sua função de guarda e exposição, os museus passaram a ter a educação como um dos seus eixos basilares. O princípio da educação nos museus é o da Educação Patrimonial, centrada no Património Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo; procura levar a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural, proporcionando novos conhecimentos.

Por meio da educação patrimonial, estabelece-se uma ligação direta entre a instituição museológica e o seu público, onde essa ação não isolada possibilita às pessoas terem maior acesso e conhecimento ao património cultural, sendo um meio determinante para o acesso à informação. A análise do património cultural deve ter um cunho educativo e não instrutivo, ou seja, deve haver reflexão sobre o passado, e no que isso interfere no presente, perceber e relacionar como esses processos que aconteceram antes influenciam e determinam os padrões em nossa sociedade atual.

A educação patrimonial é a ferramenta que possibilita ao indivíduo perceber o mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural em que está inserido.

A educação patrimonial é um processo pedagógico que sensibiliza indivíduos para compreender, valorizar e preservar o património cultural e natural. Mais do que transmitir conhecimento, fomenta uma ligação afetiva e crítica com o legado histórico, artístico e ambiental.

Com a publicação, em 1999, do Guia de Educação Patrimonial pelo IPHAN, produzido por Lourdes (et al.1999), a metodologia Educação Patrimonial passou a ser oferecida como recurso a ser utilizado por museus e instituições que lidam com bens culturais:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Património Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (Lourdes et al.1999)

A publicação deste Guia naquele contexto foi um marco importante para a sistematização das ações de educação com foco no património cultural. A metodologia Educação Patrimonial passou a ser oferecida como principal recurso a ser utilizado por museus e instituições que lidam com bens culturais e com o público infantil. Segundo Horta e colaboradores:

A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente. (Horta et al. 1999, p. 6)

A Educação Patrimonial deverá criar um vínculo afetivo entre a comunidade e seu patrimônio, fortalecendo o senso de pertencimento e valorização da herança cultural. Desta forma desencadeia-se um processo de aproximação da população ao patrimônio, à memória, aos bens culturais, de forma agradável e lúdica, devendo contemplar todos os grupos de idades e ser aplicada a qualquer bem cultural.

Nesse contexto, a Educação Patrimonial envolve a compreensão e a valorização do patrimônio em sua conexão com a memória coletiva e os acontecimentos históricos. Trata-se de um processo que busca interpretar e transmitir o significado dos bens culturais, destacando seu papel na construção da identidade e na preservação das narrativas que moldaram uma sociedade ao longo do tempo, recorrendo a estratégias de comunicação, que se têm tornado cada vez mais sofisticadas e amplificadas, com o uso das novas tecnologias de informação. Como refere Sara Farias, na perspectiva da Educação Patrimonial:

a interpretação do patrimônio implica «revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, propor uma experiência inesquecível, fortalecer as identidades culturais entre outros aspetos». (Farias, 2017, p.57)

Bittencourt (2008) liga esta educação do patrimônio aos fundamentos e métodos do ensino da História, explicando que os objetos dos museus aportam informações sobre os antepassados: os seus costumes, técnicas utilizadas, ritos e crenças, tornando-os espaços privilegiados para a construção de pontes e de ligação com a História e refere:

A educação patrimonial integra atualmente os planejamentos escolares e especialmente os professores de História têm sido convocados e sensibilizados para essa tarefa, que envolve o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do

conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e para quem é preservado. (p. 277).

Ao longo do tempo, o crescimento das iniciativas de Educação Patrimonial resultou na necessidade de desenvolver materiais e bibliografias dedicados exclusivamente ao assunto. Diante dessa necessidade, em 1999, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Ministério da Cultura, foi produzido o "Guia Básico da Educação Patrimonial" com a seguinte diretriz:

A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático centrado no patrimônio cultural, como instrumento de afirmação da cidadania. Objetiva envolver a comunidade na gestão do Patrimônio, pelo qual ela também é responsável, levando-a a apropriar-se e a usufruir dos bens e valores que o constituem. (Horta, 1999, p. 32)

Para que ocorra a valorização do patrimônio é necessário que haja primeiramente o seu (re)conhecimento, sendo a Educação Patrimonial importante para tornar possível esse processo. Sendo assim:

cabe à educação patrimonial proceder à escuta e à mediação dos sujeitos sociais portadores de tradições, de saberes e fazeres que, em sua diversidade, constroem atrativos geradores de significação e integradores da identidade e identificação cultural. É sua responsabilidade sensibilizar e conscientizar as comunidades em torno de seus valores e tradições, inserindo tais práticas na vida sustentável, resgatando e preservando o imaginário coletivo e o patrimônio representativo da cultura, no eixo temporal e espacial. (Farias, 2002, p.62)

Com base nisso, trata-se das transformações e reflexões que ocorrem entre diferentes segmentos sociais quando estes se reconhecem como criadores contínuos de cultura e agentes ativos na história. Esse processo permite a inclusão de diversas camadas na construção de um patrimônio nacional que valorize a diversidade, reconhecendo a relevância das contribuições de todos os grupos sociais. Assim, fortalece-se a sociedade civil e favorece-se o desenvolvimento da cidadania.

- **Os objetivos da Educação Patrimonial:**

A Educação Patrimonial pode ser entendida como uma maneira de transmitir conhecimentos, utilizando o patrimônio cultural como ponto de partida. Trata-se de um processo educativo que recorre aos bens culturais, sejam eles monumentos, tradições, objetos ou práticas, para ensinar, sensibilizar e criar ligações significativas entre as pessoas e a sua história, identidade e cultura.

Segundo o conceito de Educação Patrimonial, Horta destaca (1999):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. (Horta, 1999; p. 6)

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspetos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

De acordo com alguns autores, nomeadamente Duarte (1992); Ramos (1993), Custódio, 2000) e Jorge (2001), a educação patrimonial deve seguir as seguintes linhas de orientação:

- Tomar consciência das questões do património;
- Adquirir conhecimentos de forma a obter uma compreensão do património e da resolução dos seus problemas;
- Desenvolver atitudes capazes de motivarem as pessoas a participarem ativamente na preservação e conservação do património;
- Promover o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva, reforçando o sentimento de autoestima, considerando a cultura de um país múltipla e plural;

- Estimular o diálogo entre a comunidade, meios de comunicação social, a escola e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do património, promovendo uma troca de conhecimentos;
- Tornar acessível, aos indivíduos e aos diferentes grupos sociais, os instrumentos e a leitura crítica dos bens culturais em suas múltiplas manifestações, sentidos e significados;
- Promover o fortalecimento da identidade cultural, tanto individual quanto coletiva, valorizando a autoestima e reconhecendo a diversidade e a pluralidade da cultura;
- Incentivar a comunidade a reconhecer, valorizar e utilizar ativamente o Património Cultural que possui e pelo qual também é responsável;
- Fomentar a comunicação entre a sociedade e as instituições responsáveis pela identificação, preservação e promoção do Patrimônio Cultural, incentivando a partilha e o intercâmbio de saberes sobre esses bens;
- Explorar e aprimorar metodologias de Educação Patrimonial que viabilizem um processo contínuo de aprendizado, compreensão e avaliação dessas iniciativas;
- Experimentar e desenvolver metodologias de Educação Patrimonial, que permitam um processo contínuo de conhecimento e compreensão e avaliação dessas ações;
- Incentivar a geração de novos conhecimentos sobre a dinâmica cultural e seus impactos, integrando-os às iniciativas de identificação, preservação e valorização do Património Cultural, tanto no âmbito das comunidades locais quanto nas instituições responsáveis.

Tendo em consideração estes aspetos, os serviços educativos dos museus têm de definir objetivos e estratégias capazes de desenvolver no visitante este interesse pelo passado, como forma de pensar o presente e de preparar o futuro.

O Museu

Ao longo do tempo, os museus passaram por significativas transformações, atribuindo ao público um papel central nos processos educativos e comunicativos. Atualmente, estas

instituições são reconhecidas como espaços privilegiados de educação não formal e de divulgação científica, acessíveis a diferentes públicos.

O museu, como espaço que serve a sociedade, deve afirmar-se como um lugar privilegiado para a aprendizagem e contacto, proporcionando possibilidades únicas também para o desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e para a sociabilidade. Segundo Burke:

o museu representa uma manifestação institucionalizada de uma tendência humana específica de preservação, proteção e uso de manifestações materiais sobre o desenvolvimento da natureza e da humanidade. Uma instituição com foco no colecionismo, preservação e exibição de provas materiais da cultura humana e da natureza. Um museu juntamente com bibliotecas, universidades, sociedades científicas, jornais especializados, faz parte de toda uma forma institucionalizada de produção e detentores de conhecimento. (Burke, 2013, p.14)

Na França moderna, deu-se uma especial atenção à comunidade de estudiosos reunidos para estudar as coleções, referidas como “gabinetes” ou “gabinetes de curiosidades”. Segundo Oliveira e Carvalho (2018):

(...) a origem do termo “museu” (...) correspondeu a um amplo movimento civilizacional assumido de modo sistémico no sentido de apropriação pública da herança histórica comum, que está na génese do conceito democrático dos museus contemporâneos (p. 25).

Segundo o ICOM (2022):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Funcionam e comunicam de forma ética e profissional, com a participação das comunidades, oferecendo uma variedade de experiências para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.

Para Figurelli (2012) estes espaços atualmente são vistos como:

espaços interdisciplinares e multiculturais, como ambientes de encantamento, questionamento, contemplação, mediação, entretenimento, descoberta, confronto e

diálogo, os museus são portadores de grande potencial para proporcionar oportunidades educacionais a pessoas de todas as formações, habilidades, idades, etnias e grupos sociais (p.43).

Para este autor, o museu ganha cada vez mais importância como lugar de interpelação, de diálogo, de produção de conhecimento, pelo que reforça a necessidade de estabelecer relações cada vez mais sólidas entre o património e os visitantes:

a ideia de museu como depósito guardião das relíquias da humanidade, mostruário descritivo que reconstitui ambientes e situações, cede espaço para a conceção de museu enquanto fenómeno social espaço de questionamento e diálogo que estimula a produção de conhecimentos a partir da relação que o individuo estabelece com o património cultural (p. 5).

Na opinião de Rodrigues (2015):

um museu é uma casa de criação ou um espaço ao ar livre, onde se preserva a memória de um país, e é também um lugar que nos faz viajar dentro e fora do tempo. Para além do mais, o museu dá-nos a possibilidade de recuperarmos o passado a fim de refletirmos sobre o nosso tempo (p. 40).

A ideia do museu como ponte entre o passado e a contemporaneidade tem permitido desenvolver novas práticas educativas e criativas que promovem a cultura, a preservação da memória e criar novos espaços de diálogo e de pensamento, o que conduz, necessariamente à produção de conhecimento, relativamente às coleções, à história do lugar e à história da própria humanidade. É isso que defendem Oliveira e Carvalho (2018), ao afirmar que:

os museus são lugares de passado, mas, mesmo quando assentam em vestígios materiais de civilizações desaparecidas, representam espaços de criação de pensamento contemporâneo (p. 16).

Segundo Ferreira (2013), os museus são vistos como espaços de valorização da cultura, de preservação de memória social e de educação não formal e informal, que tem tido evoluído rapidamente no seu contexto e na sua prática. Na verdade, os museus têm-se ajustado ao panorama envolvente, transformando e reinventando os seus princípios, políticas e práticas e na assembleia geral extraordinária Extraordinary General Assembly (EGA) a 7 de setembro

de 2019 no centro de conferências Kyoto internacional (ICC Kyoto) no Japão, o painel executivo selecionou uma nova definição alternativa a ser usada:

Os museus são espaços democratizadores, inclusivos e polifônicos para o diálogo crítico sobre o passado e o futuro. Reconhecendo e lidando com os conflitos e desafios do presente, eles mantêm artefactos e espécimes em confiança na sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem direitos iguais e acesso igual ao patrimônio para todas as pessoas. Os museus não têm fins lucrativos. Eles são participativos e transparentes e trabalham em parceria ativa com diversas comunidades para coletar, preservar, pesquisar, interpretar, exibir e aprimorar entendimentos do mundo, com o objetivo de contribuir para a dignidade humana e justiça social, igualdade global e bem-estar planetário.

Apesar da diversidade de opiniões sobre a definição do termo museu, este tem como missão salvaguardar, preservar e valorizar os objetos de forma a garantir às gerações vindouras poderem usufruir. O entendimento dos museus como espaços de educação é uma percepção que vem sendo construída e sofrendo mudanças ao longo da história dessas instituições.

O museu, como espaço que serve a sociedade, deve afirmar-se como um lugar privilegiado para a aprendizagem e para a experiência, proporcionando possibilidades únicas também para o desenvolvimento de uma sensibilidade cultural dirigida a todas as idades e com diferentes motivações.

Atualmente, os museus são vistos como:

espaços interdisciplinares e multiculturais, como ambientes de encantamento, questionamento, contemplação, mediação, entretenimento, descoberta, confronto e diálogo, os museus são portadores de grande potencial para proporcionar oportunidades educacionais a pessoas de todas as formações, habilidades, idades, etnias e grupos sociais. (Figurelli, 2012, p.43)

O Museu não pode ser ‘apenas’ espaço que acolhe e preserva o patrimônio, a arte, os testemunhos da história, nossas memórias; ele deve ser um espaço cultural dinâmico, que possa atrair público diverso e atender às expectativas de diferentes públicos, com diferentes graus de escolaridade, exercendo assim uma função social, educativa e facilitadora de bem-estar.

A educação no Museu

A definição de Museu proposta pelo International Council of Museums (ICOM). (2022) remete-nos, desde já, para a importância destas instituições na educação das sociedades:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Funcionam e comunicam de forma ética e profissional, com a participação das comunidades, oferecendo uma variedade de experiências para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.

Nesse sentido, todos os conceitos apresentados até aqui acerca da educação formal, não-formal e informal, assim como a discussão à volta da educação patrimonial e da sua importância na construção de uma humanidade mais plural, mais interventiva e mais democrática, se aplicam a estes lugares que guardam a memória.

Ao longo do tempo, os museus sofreram importantes mudanças e o público assumiu um papel central no processo educativo e comunicativo dessas instituições. Nesse aspeto, os museus são considerados atualmente como espaços fundamentais de educação não formal e de divulgação científica para diferentes públicos.

Como espaço que serve a sociedade, o museu deve afirmar-se como um lugar privilegiado para a aprendizagem, proporcionando possibilidades únicas para o desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e para a sociabilidade.

Segundo Burke (2013):

o museu representa uma manifestação institucionalizada de uma tendência humana específica de preservação, proteção e uso de manifestações materiais sobre o desenvolvimento da natureza e da humanidade. Uma instituição com foco no colecionismo, preservação e exibição de provas materiais da cultura humana e da natureza. Um museu juntamente com bibliotecas, universidades, sociedades

científicas, jornais especializados, faz parte de toda uma forma institucionalizada de produção e detentores de conhecimento (p. 14).

Neste sentido, podemos afirmar que os museus são entidades culturais e sociais complexas, pois como reforça Fróis (2008):

são entidades culturais porque se organizam como espaços de sentido, onde se reúnem e preservam os exemplos das realizações artísticas, científicas e sociais da humanidade, e entidades sociais porque o colecionador, o conservador, o educador e o designer empreendem diálogos, ora tácitos, ora explícitos, com os visitantes. Na realidade, ao mesmo tempo que o museu apresenta os “objetos” (as obras), representa também os princípios culturais, sociais e estéticos de uma determinada sociedade e oferece aos indivíduos oportunidades e reptos que outros tipos de entidades não oferecem (p.65).

Os museus são mais do que simples espaços expositivos; são autênticos guardiões da memória coletiva, preservando histórias, tradições e artefactos que atravessam o tempo. Ao abrir as suas portas, permite uma viagem através das épocas, permitindo que cada visitante se conecte com o passado e compreenda melhor o presente. Através das suas coleções e exposições, os museus ajudam a criar uma ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Ao longo do tempo o conceito de museu foi-se ajustando ao panorama envolvente e reinventou os seus princípios, políticas e formas de atuação. Deixou de ser um o lugar onde se guardam e expõem as coleções às quais foi atribuído valor (afetivo, cultural ou material) para representar uma fonte cumulativa e reprodutora de conhecimentos.

Na verdade, é a partir da investigação e da divulgação do conhecimento que se pode explicar a evolução do conhecimento humano e o museu serve também (e sobretudo, talvez) para recolher e conservar dados sobre a história da humanidade, guarda a sua memória.

A Educação museal

A educação museal constitui-se como um campo fundamental dentro da museologia contemporânea, representando não apenas um conjunto de práticas educativas em

instituições museológicas, mas sobretudo uma dimensão teórico-metodológica que atravessa a própria razão de ser dos museus, envolvendo a mediação entre o público e os acervos. Um dos seus objetivos é promover experiências de aprendizagem a partir das coleções museológicas, fortalecendo o museu como espaço de conhecimento, lazer e cidadania. Tem, como foco, a relação entre o visitante, o museu e seus acervos/exposições.

Trata-se de um processo contínuo, dialógico e social que busca mediar a relação entre os acervos, o espaço museológico e os diferentes públicos, promovendo experiências de aprendizagem, sensibilização cultural e construção de cidadania.

Historicamente, a função educativa dos museus sempre esteve presente, ainda que de forma implícita, uma vez que, desde suas origens, os museus se propuseram a reunir, conservar e expor objetos de relevância cultural, científica e artística. No entanto, é sobretudo a partir do século XX que a educação museal se consolida como campo específico, impulsionada por transformações sociais e pelo movimento da chamada “Nova Museologia”. Essa perspectiva apresenta a ideia do museu como espaço democrático, aberto à comunidade e comprometido com a valorização do património e da diversidade cultural. Nesse sentido, a educação museal rompe com a visão elitista de museus como simples “templos de preservação” e passa a reconhecê-los como espaços vivos de diálogo, inclusão e participação social.

A prática educativa nos museus envolve diferentes dimensões. Primeiramente, a mediação cultural, que se manifesta nas visitas orientadas, oficinas, ações performativas, recursos digitais e outras metodologias que aproximam os visitantes das coleções. Essa mediação não deve ser compreendida apenas como uma transmissão de informações, mas sim como um processo dialógico, no qual educadores e visitantes constroem conjuntamente significados a partir das exposições e do património musealizado.

Outro aspecto central da educação museal é a dimensão social. Os museus, quando assumem sua função educativa, tornam-se espaços de inclusão e de promoção da cidadania. Por meio de programas voltados para diferentes públicos, como escolas, famílias, pessoas com deficiência, comunidades tradicionais, grupos marginalizados, os museus podem contribuir para reduzir desigualdades no acesso à cultura e ao conhecimento, garantindo o direito à memória e à identidade. Além disso, a educação museal permite ao indivíduo reconhecer-se como parte da história, estimulando processos de pertença e valorização de sua própria herança cultural.

Do ponto de vista metodológico, a educação museal dialoga com diversas áreas do conhecimento, como pedagogia, comunicação, psicologia, história, artes e antropologia. Essa natureza interdisciplinar amplia as possibilidades de atuação e permite que os museus construam estratégias inovadoras, capazes de se adaptar às especificidades de seus públicos e acervos. Atualmente, com os avanços tecnológicos e a digitalização, surgem novos desafios e oportunidades para a educação museal, como o uso de recursos virtuais, aplicativos de mediação, plataformas digitais e redes sociais, que potencializam o alcance educativo dos museus para além de suas fronteiras físicas.

É importante destacar que a educação no museu não deve ser concebida como uma ação pontual ou secundária dentro da instituição, mas sim como parte integrante da sua missão e da sua gestão. Ao colocar a educação no centro das suas práticas, os museus fortalecem como espaços de produção de conhecimento, de diálogo intercultural e de transformação social. Nesse sentido, a educação museal configura-se como um campo estratégico para a consolidação de uma museologia democrática, inclusiva e socialmente comprometida, alinhada aos desafios contemporâneos de preservação, diversidade e participação da comunidade.

A partir da década de 1990, a educação começa a ganhar progressivamente mais espaço e reconhecimento, tanto no meio acadêmico como nas práticas institucionais dos museus. Este crescimento reflete uma mudança de paradigma, na qual o museu deixa de ser apenas um local de conservação e exposição para se afirmar como um espaço privilegiado de aprendizagem, diálogo e construção de significados.

A educação, em todas as suas formas e contextos, desempenha um papel essencial na formação de cidadãos informados, críticos e culturalmente conscientes. No âmbito dos espaços culturais, os museus têm vindo a afirmar-se como instituições educativas de grande relevância, complementando o ensino formal através de experiências de aprendizagem significativas e interativas. Para Silva, (2007):

fora do sistema formal de aprendizagem, o museu não é uma escola nem uma enciclopédia. A presença de objetos autênticos, a experiência multissensorial (visual, tátil, auditiva) e vivencial proporcionada por estes e pelo próprio ambiente em que se inserem, a possibilidade de estabelecer uma relação material com a tridimensionalidade, a possibilidade de trabalhar a partir destes mesmos objetos as

experiências e motivações que os visitantes trazem consigo, a ausência de um sistema de aprendizagem e avaliação formal são fatores que fazem da aprendizagem ocorrida neste espaço uma realidade única, complexa e enriquecedora (pp. 57,58).

A educação museal, entendida como o conjunto de práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto museológico, tem como objetivo tornar o património acessível, compreensível e valorizado por todos os públicos. Neste domínio, os serviços educativos dos museus desempenham um papel central, funcionando como ponte entre o acervo e os visitantes, promovendo atividades que estimulam a curiosidade, a interpretação crítica e a participação ativa. Com efeito, analisar a importância dos serviços educativos é fundamental para compreender o verdadeiro potencial dos museus enquanto agentes educativos e transformadores da sociedade. Os museus são lugares educativos por excelência, visto que albergam coleções que contam histórias passadas com o intuito de apresentar informação específica às gerações futuras.

Deste modo, a informação museológica é inevitavelmente educativa, na medida em que contribui para a evolução do conhecimento. A principal missão dos museus é ajudar os visitantes a compreenderem o seu papel no mundo e a tomarem consciência dos desafios que enfrentam, tanto a nível pessoal como coletivo. Para isso, os museus devem abordar essas questões, de forma clara, e oferecer pontos de vista que contribuam para dar um significado positivo e enriquecedor à vida humana.

Varine (2012) defende que:

a função básica dos museus é mostrar aos visitantes o seu lugar no mundo, bem como consciencializá-lo dos seus problemas enquanto indivíduos e membros de sociedade. Para atingir este objetivo, os museus devem apresentar esses problemas e indicar as perspetivas que conferem um sentido construtivo à existência humana (p.140).

A educação no museu pode complementar aquela que tem lugar em contexto escolar, pelo que deveriam trabalhar em conjunto, proporcionando experiências educativas diversificadas e oportunidades de aprendizagem significativas e enriquecedoras.

Segundo Carvalho (1993):

o museu, qualquer que ele seja, é um local pedagógico por excelência. Sem se sobrepor à Escola, pode criar uma dinâmica própria, favorecendo a exploração do

saber, alargando o conhecimento, promovendo oportunidades únicas pela utilização de estratégias mais adaptadas ao despertar da consciência e conducentes à integração dos conceitos (p. 232).

A relação entre museus e escolas tem vindo a consolidar-se como uma parceria fundamental no processo educativo. É essa a percepção de Caillet (1995) :

La museologie doit avoir pour but la libération, les progrès et la transformation de la société par la prise de conscience et la participation de la population. Ce qui implique une forme particulière de la médiation, dépassement du didactique et du scolaire (p. 69).

Ambos os espaços contribuem de forma complementar para o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos alunos, promovendo aprendizagens significativas através de experiências formais e não formais. Têm em comum o facto de serem instituições sociais com linguagens, histórias e práticas educativas específicas. Estes espaços interligam-se, complementam-se e são essenciais para a formação de cidadãos cientificamente alfabetizados:

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para formação do cidadão cientificamente alfabetizado. (Marandino, 2001, p.98).

Cada vez mais os museus ocupam um lugar central na sociedade, assim como a sua função no processo de educação das sociedades “a educação é a única razão de ser dos museus!” (Moura, 2011, p. 7). Ao longo do tempo, este tema tem sido valorizado e a investigação foi trazendo outras abordagens sobre a importância destas instituições na vida das sociedades:

Alves (2007) afirma que:

A educação nos museus foi-se tornando um serviço essencial que as políticas entendiam prestar-se a viabilizar os critérios sócio-culturais do museu, entre outros, enquanto finalidades e através de meios a concretizar para o público. Os museus e os serviços educativos que neles operam podem ser um contributo fundamental para uma educação atual como expressão de uma sociedade orientada por princípios capazes de contribuir para o desenvolvimento alargado e integral das várias

dimensões do ser humano em qualquer situação e momento da sua vida. Eles começam a tornar-se um retrato das “novas comunidades educativas emergentes”, que sem pretenderem substituir, complementam e demarcam outros horizontes culturais para além da escola. A escola hoje tem-se tornado uma instituição educativa entre outras e o museu consolida-se nesse quadro (p. 3).

Nesta linha de raciocínio Ribeiro (2016) na sua intervenção na “Jornada de Reflexão sobre Desafios Contemporâneos da Educação Não formal nos Museus” organizada pela Câmara Municipal Vila Franca de Xira, realizada no dia 2 de fevereiro de 2016, no Museu do Neo-Realismo, refere:

Nos museus podemos aprender valores humanos e questões de cidadania, direitos humanos, educação não-formal essa que não passa na escola e o museu pode colaborar em parceria com as escolas. Sendo os museus um veículo primordial na transmissão de valores, na formação das pessoas e de fazê-las pensar, trazem autonomia e faz com que tenham uma compreensão de um todo (...). Trabalhar em conjunto escolas e museus podem criar experiências de aprendizagem impulsionadas pela perspectiva dos estudantes ajudando assim a criar um melhor futuro para a educação e cultura.

Nos museus podemos aprender valores humanos e questões de cidadania, direitos humanos, educação não formal essa que não passa na escola e o museu pode colaborar em parceria com as escolas. Sendo os museus um veículo primordial na transmissão de valores, na formação das pessoas e de fazê-las pensar, trazem autonomia e faz com que tenham uma compreensão de um todo (...). Trabalhar em conjunto escolas e museus podem criar experiências de aprendizagem impulsionadas pela perspectiva dos estudantes ajudando assim a criar um melhor futuro para a educação e cultura.

Papel dos Serviços Educativos no Museu

Compreendendo a importância da educação museal, tornou-se necessário organizar um serviço que respondesse aos desafios que foram surgindo, a partir do momento em que se olhou para a centralidade da educação na missão dos museus. Os serviços educativos surgem, então, como estruturas essenciais para a concretização dessa vertente formativa. São estes serviços que operacionalizam a dimensão pedagógica do museu, através da criação de estratégias, programas e atividades que visam envolver os públicos de forma ativa, crítica e significativa. Funcionando como mediadores entre o acervo e os visitantes, os serviços educativos tornam possível uma aproximação entre o património e a vivência individual e coletiva das comunidades.

Segundo Camacho (2007), o “serviço educativo trata-se de:

(...) uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve ações dirigidas ao público, com objetivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição (p.28).

Nesse sentido, têm como missão criar uma ponte entre as coleções dos museus e o público, facilitando a compreensão dos objetos, das exposições e dos contextos históricos e culturais em que estes se inserem.

Camacho (2007), dá uma definição em relação ao papel dos Serviços Educativos:

(...) uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve ações dirigidas ao público, com objetivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição (p.28).

Segundo Brandão (1996), assiste-se à implementação e desenvolvimento de Serviços Educativos, que este caracteriza pela sua função vital:

a de descodificar as mensagens contidas nos discursos expositivos e promover acções de animação que permitam ao visitante atingir facilmente os objectivos "educacionais" da exposição. (p.58).

Os serviços educativos não apenas transmitem informações, mas estimulam a reflexão e a participação ativa, permitindo ao visitante uma experiência mais rica e profunda.

Segundo Barrica e Silva (2007):

os Serviços e projetos educativos têm vindo a assumir, cada vez mais, o papel de interfaces de comunicação com as audiências e de lugares privilegiados para a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes. Terreno para a mediação, o diálogo e o encontro das comunidades com as instituições, os serviços educativos não são, no entanto, dissociáveis de uma política de fundo coerente e consistente com as mudanças que atravessamos” (pp. 9,10).

Ainda com Barriga e Silva (2007, p.10) a afirmar que: Os serviços educativos são considerados “terrenos para a mediação” e para o diálogo com o público.

De acordo com Nunes (2015):

o serviço educativo poderá ficar numa espécie de limbo, limitando-se à captação de públicos, apresentando propostas mais castradoras do que propriamente promotoras de desenvolvimento social, cívico e artístico, o que é resultado de uma programação vazia, não pensada pedagogicamente mas sim apenas com fins económicos (atividades pagas), ou em iniciativas nas quais pouco se entende qual o seu fio condutor e pertinência, e quais as motivações dos públicos para participarem (p. 37).

Por outro lado, Silva (2016), em entrevistas realizadas, menciona que um serviço educativo deve ser um espaço que está sempre “entre”:

Entre o público e as coleções, entre os objetos e as ideias, entre a equipa que trabalha no museu, entre os seus públicos (...) entre um espaço, entre as coisas, entre um interior e um exterior. (...) É um espaço de intermediação. É um espaço de construção dinâmica de leituras (p. 179)

Um outro conceito que trazemos para esta reflexão é o de “mediação cultural”, aqui apresentada como uma expansão da função educativa no domínio das instituições culturais. Nos museus esta mediação visa criar um espaço de diálogo, onde todos os participantes possam expressar as suas perceções e reflexões, sendo esta uma das funções primordiais do serviço educativo, sendo assim Telles (2010) defende que, “a mediação no museu deve criar uma experiência onde o visitante se sinta livre para interpretar e questionar o que vê, permitindo uma maior apropriação do património”.

Várias são as atividades que fomentam a interatividade do público, tornando o museu um espaço dinâmico e em constante transformação. A implementação de atividades interativas, como visitas guiadas temáticas, workshops ou projetos colaborativos, constitui uma prática fundamental para dinamizar a experiência dos visitantes no museu. Estas iniciativas são cuidadosamente adaptadas às características e necessidades dos diferentes públicos, promovendo uma maior proximidade com os conteúdos e incentivando a participação ativa.

Um dos grandes desafios, dos museus, em mediação com os serviços educativos é a promoção da inclusão social. Os museus como instituições culturais, têm a responsabilidade de aproximar os mais diversos públicos do património, garantindo que todos, independentemente da sua condição social, cultural, económica, tenham acesso ao conhecimento e à cultura. A educação inclusiva em contexto museológico deve assumir-se como um processo contínuo de ajustamento pedagógico e de valorização da diversidade, visando responder de forma eficaz às especificidades, interesses e necessidades dos diferentes grupos de públicos. Segundo Rodrigues (2011):

os serviços educativos devem ser um ponto de acesso à democratização cultural, permitindo que os grupos socialmente excluídos, como populações ou comunidades marginalizadas, tenham a oportunidade de vivenciar o património de forma significativa e enriquecedora.

Ao desenvolverem atividades educativas adaptadas aos diferentes públicos com necessidades variadas, como situações de necessidades especiais, vulnerabilidade ou população sénior, os serviços educativos promovem a democratização do acesso à cultura e reforçam a sua função inclusiva.

Torna-se, portanto, evidente que os serviços educativos atuam como agentes de comunicação, cuja principal função é facilitar a mediação entre o museu e os seus diversos públicos. Segundo Barriga e Silva (2007):

os Serviços e projetos educativos têm vindo a assumir, cada vez mais, o papel de interfaces de comunicação com as audiências e de lugares privilegiados para a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes. Terreno para a mediação, o diálogo e o encontro das comunidades com as instituições, os serviços educativos não são, no entanto, dissociáveis de uma política de fundo coerente e consistente com as mudanças que atravessamos (pp. 9,10).

Parece, então, inequívoco afirmar que os Serviços Educativos se constituem como mediadores culturais, assumindo-se como instâncias de comunicação que operam em prol da mediação entre o acervo museológico e os diferentes públicos.

Cabe aos Serviços Educativos dos museus compreender a diversidade de públicos que acolhem e as solicitações que destes podem advir, encontrando respostas criativas que permitam disfrutar do ambiente do museu como instituição de carácter cultural e educativo, estes são os responsáveis pela aproximação entre as instituições e os seus visitantes, tornando-se dinâmicos dentro da comunidade.

O Público Sénior

Os museus, enquanto espaços de educação não formal, possuem um vasto potencial para promover aprendizagens significativas para todas as faixas etárias. No caso do público sénior, os benefícios da participação cultural estendem-se ao bem-estar físico, emocional e social. A educação não formal refere-se a todas as atividades de aprendizagem organizadas e sistemáticas que ocorrem fora do sistema de ensino formal, muitas vezes com uma forte componente prática, experiencial e voluntária. Para o público sénior, este tipo de educação assume particular importância, oferecendo oportunidades de socialização, valorização pessoal e manutenção da atividade cognitiva e física. Com o aumento da esperança média de vida, os seniores representam uma fatia crescente da população, exigindo respostas educativas adaptadas às suas necessidades, ritmos e motivações.

O público sénior é marcado por uma grande heterogeneidade: existem pessoas com diferentes níveis de escolaridade, literacia digital, experiências profissionais e condições de saúde. No entanto, muitas partilham o desejo de continuar a aprender, manter-se atualizadas e sentir-se úteis à sociedade. A educação não formal pode responder a estas expectativas ao permitir aprendizagens ajustadas ao ritmo e ao estilo de cada indivíduo, reforçando a autoestima, a autonomia e o sentimento de pertença social.

As áreas mais procuradas por seniores incluem a cultura, as artes, a informática, as línguas, a história local, a saúde e bem-estar, bem como atividades que promovem a memória e a expressão pessoal.

Os museus têm vindo a afirmar-se como importantes agentes de educação não formal, especialmente para o público sénior. Ao proporcionar visitas temáticas, oficinas criativas, sessões de leitura, tertúlias ou atividades sensoriais, estas instituições estimulam o pensamento crítico, a memória e o diálogo. Programas como “Museu para Todos” ou “Museu e Memória” promovem o envolvimento emocional com o património e fortalecem a ligação dos seniores à sua comunidade.

A educação não formal tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante na construção de sociedades mais inclusivas, ao proporcionar oportunidades de aprendizagem contínua que transcendem os limites da educação tradicional. Ao criar espaços de partilha, de atualização de conhecimentos e de desenvolvimento de novas competências, a educação não formal contribui para a integração dos cidadãos mais velhos, reforçando o seu sentido de pertença e participação na comunidade. É, assim, um instrumento fundamental para combater o isolamento, estimular a autonomia e, acima de tudo, reconhecer o valor intrínseco de cada indivíduo ao longo de todas as etapas da vida. Estas iniciativas procuram abranger todos os indivíduos, sem discriminação de idade, condição económica, posição social ou origem cultural.

Para Azevedo (2010):

considerar que esta variedade de iniciativas educativas reflete uma certa tendência da sociedade atual em valorizar a designada “educação ao longo da vida”, nomeadamente nos contextos de educação não formal, como são os museus, e em

dirigir as suas iniciativas para qualquer indivíduo independentemente da sua faixa etária, situação económica e estatuto social ou proveniência cultural (p.5).

Incluir o público sénior no espaço do museu representa uma forma de valorização da experiência e sabedoria desta faixa etária, enriquece os programas educativos e exposições. Muitas vezes, estes trazem uma perspetiva única que complementa ou até desafia as narrativas tradicionais. O público idoso, por se tratar de um grupo social com bastante acervo de memória histórico-cultural, os relatos orais, de sentimentos e sociabilidades, dá-nos narrativas que permitem a perceção de diversos componentes que envolvem a memória individual ou coletiva, revelando para as próximas gerações acontecimentos essenciais para suas identidades.

Como defende Whitaker e Veloso (2005):

Trabalhar com idosos utilizando a história oral como recurso é privilegiar a história subjetiva do pesquisado, permitindo o acesso às experiências não documentadas. O pesquisador exercita desta forma, a arte de ouvir, pois toda experiência vivenciada por um sujeito comum. E isso enriquece a experiência tanto para o pesquisador como para o pesquisado (p.70).

Os idosos são frequentemente guardiões de memórias, tradições, vivências de práticas culturais, que estão em risco de desaparecimento. Daí a importância de escutar e guardar as partilhas deste público, de forma a serem transmitidas para as futuras gerações. Guardam em si dispositivos capazes de acionar lembranças que podem ser narradas através da oralidade. Desta forma, as narrativas orais se tornam eficazes na preservação da história social, pois através delas é possível se ter acesso a fatos que não foram documentados ou capturados através de livros, fontes oficiais. Nora (1993) defende que:

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os objetos simbólicos, com base em que eles tenham qualquer coisa em comum (p.63).

Para Bobbio (1997), o ato de refletir sobre o passado ajuda os idosos a perceber quem realmente são e como as suas experiências moldaram a sua vida e a sua personalidade. Não é apenas recordar o passado, não é apenas lembrar fatos, é também um processo ativo de dar sentido à própria vida. Ao repensar as experiências permite à pessoa idosa reinterpretar eventos, perceber os seus próprios valores, erros, conquistas e construir uma visão mais clara e profunda de si mesma. É uma forma de reconstruir a identidade quer dizer que, mesmo na velhice, a identidade não está “fechada”, continua a ser ajustada, reafirmada e reconstruída à medida que a pessoa revive e reorganiza as suas memórias. Para este autor.

O tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (...). Esse imenso tesouro submerso jaz à espera de ser trazido à superfície durante uma conversa ou uma leitura; ou quando nós mesmos vamos à sua procura nas horas de insônia; outras vezes surge de repente por uma associação involuntária, por um movimento secreto da mente. Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (Bobbio, 1997, p. 53)

A educação enfrenta diversos desafios, exigindo a implementação de políticas, estratégias e ações interventivas que promovam a melhoria da qualidade de vida deste grupo populacional em particular. Antunes e Jesus, 2018 defendem que “A educação passa assim por desafios, sendo preciso criar medidas, iniciativas e intervenções para que se melhore a qualidade de vida desta população em específico (Antunes & Jesus, 2018, p.9).

Quando falamos de educação e participação ativa ou envelhecimento ativo, referimo-nos à educação não formal, que é a aprendizagem durante a vivência humana. A educação assume aqui a função de conseguir que os idosos participem ativamente, de maneira crítica e criativa tanto na sociedade como nos contextos sociais que se encontram.

As ações desenvolvidas, numa prática de educação não formal vêm precisamente contribuir para que seja possível uma educação de proximidade, estimuladora do envolvimento e facilitadora do desenvolvimento da autoestima dos participantes:

os museus podem contribuir para a promoção do envelhecimento ativo, principalmente se tiverem ações com base em metodologias de animação sociocultural. Tratando-se de espaços que garantem a identidade cultural dos povos e das comunidades, espaços de troca, de descoberta, produção de sentidos, de criação, mas também espaços de memória, de história e de vida, funcionam como um espaço que possibilita e contribui para o desenvolvimento pessoal e social das 13 pessoas, e neste caso concreto dos idosos. (Lopes & Pedrosa, 2018; Rafael & Palma, 2013; Sousa, 2010; Figurelli, 2010).

A educação não formal assume um papel crucial no contexto do público sénior, na medida em que promove oportunidades de aprendizagem contínua, estimula a participação ativa e contribui para o fortalecimento da autoestima e da identidade social. Através de práticas educativas flexíveis e centradas nas experiências de vida, possibilita-se não apenas a valorização do saber acumulado, mas também a criação de espaços de socialização, reforçando o bem-estar e a qualidade de vida desta população.

Caracterização do Público Sénior

A compreensão do público sénior constitui um elemento essencial para a construção de estratégias eficazes de mediação nos museus. Importa desde logo sublinhar que este grupo etário não é homogéneo, apresentando uma grande diversidade em termos de percursos de vida, interesses, condições socioeconómicas e experiências culturais. A tendência para agrupar todos os indivíduos com mais de 60 ou 65 anos sob a mesma designação tende a desconsiderar a pluralidade de perfis existentes. Assim, torna-se fundamental reconhecer a heterogeneidade que caracteriza este público, evitando abordagens estereotipadas ou uniformizadoras.

Entre os fatores que contribuem para esta diversidade encontram-se as diferenças de escolaridade e de capital cultural acumulado ao longo da vida. Enquanto alguns seniores possuem uma relação consolidada com a cultura e as artes, frequentando regularmente museus, teatros e bibliotecas, outros têm um contacto mais limitado, em virtude de trajetórias profissionais ou contextos sociais que não privilegiaram o acesso a estes espaços. Do mesmo

modo, os interesses pessoais variam significativamente: há quem procure no museu uma experiência de aprendizagem contínua, enquanto outros privilegiam a vertente lúdica, ou ainda a dimensão social da visita.

No plano físico e cognitivo, é inegável que o processo de envelhecimento pode implicar limitações que influenciam a forma como os seniores experienciam o espaço museológico. Questões como a diminuição da mobilidade, a redução da acuidade visual e auditiva, bem como alterações na memória e na capacidade de concentração, constituem fatores a considerar no desenho da mediação cultural. Estas condições não devem, contudo, ser vistas como obstáculos intransponíveis, mas antes como elementos que exigem uma adaptação das práticas museológicas, garantindo a acessibilidade universal e o respeito pelas necessidades específicas deste público.

Para além das questões físicas e cognitivas, é igualmente relevante considerar as expectativas que os seniores transportam para a sua experiência no museu. Muitos procuram, nestes espaços, oportunidades de socialização, combatendo o isolamento que frequentemente acompanha esta fase da vida. Outros encontram no museu um lugar de aprendizagem contínua, valorizando a possibilidade de expandir conhecimentos e manter uma atitude intelectual ativa. O lazer, entendido enquanto experiência de fruição estética e prazer cultural, constitui também uma motivação importante. Por fim, para muitos seniores, a visita ao museu representa uma oportunidade de reforçar o sentido de pertença a uma comunidade cultural e histórica, conectando-se com memórias coletivas e património partilhado.

Deste modo, a caracterização do público sénior deve ser pensada a partir da sua diversidade, atendendo simultaneamente às suas limitações e potencialidades. A valorização da sua pluralidade de interesses e expectativas é condição necessária para uma mediação museológica inclusiva, capaz de responder aos diferentes perfis que compõem este grupo etário.

O Público Sénior e o Museu

O público sénior representa uma faixa etária cada vez mais significativa na sociedade contemporânea, não apenas pelo seu crescimento demográfico, mas também pelo seu papel

ativo na vida cultural. Nos museus, este público assume especial relevância, contribuindo para a valorização, preservação e transmissão da memória coletiva. Para além disso, a participação dos seniores nas atividades museológicas promove o envelhecimento ativo, o bem-estar emocional e a inclusão social. Reconhecer a importância deste público implica desenvolver estratégias de mediação adequadas, acessíveis e culturalmente enriquecedoras, que respondam às suas expectativas, necessidades e potencialidades.

Através dos Serviços Educativos, os museus disponibilizam uma diversificada oferta dirigida de forma específica e adaptada a públicos com diferentes apetências e consequentemente interesses, desde o público sénior, familiar, pessoas com limitações, público escolar nos diversos níveis de ensino, proporcionando uma contextualização e comunicação através dos seus objetos, permitindo que público da comunidade seja um mediador e intérprete dinâmico das coleções do próprio museu.

As ações desenvolvidas, numa prática de educação não formal vêm precisamente contribuir para que seja possível uma educação de proximidade, estimuladora do envolvimento e facilitadora do desenvolvimento da autoestima dos participantes.

Os idosos têm um papel fundamental na preservação e transmissão do património cultural. Eles são guardiões de conhecimento, memórias e tradições que constituem a identidade e a história de uma comunidade. Ao recordar suas vivências, não é somente a pessoa idosa que se beneficia, mas todos aqueles que estão a seu lado, estabelecendo um sentido de continuidade cultural entre as gerações.

Muitas vezes estes grupos são portadores de tradições orais, conhecem lendas, músicas, danças, rituais que não estão documentados. A sua transmissão oral é essencial para que essas tradições sobrevivem e permaneçam relevantes.

É a partilha das suas experiências de vida que lhes proporcionam uma ligação com o passado, oferecendo uma perspetiva única sobre acontecimentos históricos e mudanças sociais. As suas vivências tornam o passado mais acessível e compreensível, enriquecendo a visão das gerações mais novas sobre a história da sua comunidade e do seu país.

Os idosos desempenham um papel importante na preservação da identidade cultural, ao manterem as práticas tradicionais, o artesanato e os costumes. Ao passarem estes conhecimentos às gerações futuras, asseguram que a identidade cultural se mantenha sólida

e valorizada. Estas faixas etárias não só transmitem práticas culturais, mas também valores éticos e morais que acompanham essas práticas. Servindo de inspiração, de sabedoria e experiências, que servem de guia para as gerações futuras.

A memória assume um papel essencial no envelhecimento, pois permite ao idoso reencontrar-se consigo próprio e reafirmar a sua identidade através da recordação de vivências passadas. Neste sentido, atividades culturais, como as desenvolvidas nos museus, favorecem a rememoração como prática salutar e significativa. Como refere Bobbio (1997):

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (pág.53).

Enquanto espaço de memória, aprendizagem e socialização, o museu revela-se essencial para o idoso na construção de significados sobre a sua trajetória de vida, favorecendo tanto a evocação e consolidação da memória, como a articulação entre experiências individuais, contextos históricos e relações interpessoais. Sousa (2010) destaca que:

O museu possui uma importância relevante no desenvolvimento do idoso como sujeito social, histórico e cultural. Este local apresenta-se como espaço privilegiado do desenvolvimento do idoso porque permite a realização de elos e associações a partir das suas experiências (p. 9).

O idoso torna-se, então, agente do seu próprio desenvolvimento, dialogando com a sociedade e interagindo com as outras gerações, sendo o Museu um lugar privilegiado para o desenvolvimento de um envelhecimento ativo e colaborante:

Através do museu, é permitido ao idoso estimular a educação permanente, desfrutar da cultura, estabelecer as bases para que os conhecimentos sejam partilhados de maneira flexível, enriquecedora e amena, enfim, propiciar e criar atitudes e meios para gozar a vida plenamente (Idem p. 10).

Para que haja envelhecimento ativo é necessário e muito relevante, envolver o idoso na sociedade. O público sénior e o museu beneficiam-se mutuamente, em que a museologia pode contribuir para beneficiar o idoso, mas a instituição museal pode também beneficiar desta relação por meio de um trabalho de memória e vivência. Enquanto espaço de memória, aprendizagem e socialização, o museu revela-se essencial para o idoso na construção de significados sobre a sua trajetória de vida, favorecendo tanto a evocação e consolidação da memória, como a articulação entre experiências individuais, contextos históricos e relações interpessoais. Sousa (2010) destaca que:

O museu possui uma importância relevante no desenvolvimento do idoso como sujeito social, histórico e cultural. Este local apresenta-se como espaço privilegiado do desenvolvimento do idoso porque permite a realização de elos e associações a partir das suas experiências (p. 9).

Defende ainda que:

a relação entre o museu e o idoso é flagrante: ambos são o centro da memória cultural local neste tempo de mobilidade constante, ambos podem ser o ponto de equilíbrio deste mundo em movimento (p.10).

Os museus constituem espaços privilegiados para promover, junto do público sénior, uma compreensão aprofundada da cultura e da história de que fizeram parte ao longo das suas vidas.

Desafios na mediação com o público sénior

Ao longo do tempo, os museus têm procurado adaptar-se às necessidades de diferentes públicos, reconhecendo a importância de criar experiências significativas para todas as faixas etárias, cientes de que desempenham um papel fundamental na promoção da inclusão e na democratização do acesso ao conhecimento.

Neste contexto, a mediação cultural assume um papel central na construção de diálogos e na aproximação dos visitantes aos conteúdos museológicos. No entanto, quando se trata do público sénior, surgem desafios específicos, que resultam tanto das especificidades deste

grupo etário como das transformações sociais e tecnológicas que moldam a experiência cultural contemporânea. Estes desafios não devem ser interpretados como obstáculos à participação dos seniores, mas antes como pontos de atenção que exigem estratégias de adaptação por parte das instituições museológicas.

A acessibilidade aplicada aos museus indica que todos os domínios envolvidas no acesso ao patrimônio cultural, isto é, as exposições, sejam elas temporárias ou de longa duração; os espaços de convivência, como jardins, cafeterias, restaurantes, salas de leitura e os espaços destinados ao convívio, os serviços de informação, como bibliotecas, arquivos, bancos de dados virtuais e websites, os programas comunitários de ação educativa, como visitas, oficinas, aulas, espetáculos, eventos temáticos, os programas de formação, bem como os demais serviços básicos e eventuais oferecidos aos visitantes. Todos estes devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis, a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, possibilitando a autonomia dos usuários. Os espaços culturais precisam mudar sua linguagem em todas as formas de relacionamento com o público para se tornar acessíveis.

Em relação ao público sénior os museus enfrentam vários desafios para promover a sua inclusão, estes muitas vezes não estão preparados para receber o público sénior, principalmente em termos de acessibilidade física e intelectual. Alguns desses desafios são:

- Acessibilidade física e sensorial:

Um dos primeiros desafios prende-se com a acessibilidade física e sensorial. Apesar dos avanços na adaptação arquitetónica de muitos museus, persistem barreiras que dificultam a plena participação dos visitantes seniores. Escadas, corredores estreitos, pisos escorregadios e iluminação inadequada podem constituir limitações significativas para pessoas com mobilidade reduzida. Do mesmo modo, a ausência de legendas ampliadas, audioguias com volume ajustável ou materiais em braille compromete a acessibilidade sensorial. Neste sentido, a mediação deve incorporar uma abordagem inclusiva, que não se limite ao cumprimento de normas legais, mas que promova uma experiência cultural equitativa e confortável.

- Desafios cognitivos e comunicacionais:

A utilização de uma linguagem demasiado técnica ou hermética, frequentemente encontrada em exposições de carácter científico ou histórico, pode dificultar a compreensão e afastar este público. Para além disso, o ritmo acelerado de algumas visitas guiadas nem sempre se ajusta ao tempo de atenção ou ao processamento cognitivo dos visitantes seniores. A mediação deve, portanto, adotar um discurso acessível, pausado e claro, privilegiando a interação e a participação ativa, em detrimento de uma transmissão unidirecional de conhecimento.

- Motivação e interesse:

A motivação constitui um fator determinante para a participação do público sénior nas atividades museológicas. Persistem estereótipos que associam a velhice à passividade ou ao desinteresse pela cultura, quando, na realidade, muitos seniores procuram ativamente experiências de fruição e aprendizagem. O desafio reside em desenvolver propostas que dialoguem com os seus interesses e referências culturais, respeitando as suas memórias pessoais e coletivas. A mediação deve, assim, evitar modelos excessivamente centrados em conteúdos abstratos, privilegiando narrativas que estabeleçam pontes com a vida quotidiana e com a história vivida por estas gerações.

- Competências digitais/ tecnológicas

A crescente digitalização das práticas museológicas representa simultaneamente uma oportunidade e um desafio. A introdução de audioguias em smartphones, aplicações móveis ou experiências de realidade aumentada pode enriquecer a visita, mas coloca dificuldades para aqueles que apresentam baixa literacia digital. Este fator pode gerar sentimentos de exclusão ou frustração. Torna-se, por isso, essencial garantir soluções híbridas, que combinem dispositivos digitais com suportes tradicionais e que contem com o apoio humano, assegurando a participação plena de todos os visitantes.

- Inclusão social e emocional

Finalmente, importa considerar a dimensão social e emocional da experiência museológica. Muitos seniores vivem situações de isolamento, e o museu pode constituir um espaço privilegiado de convívio e de reforço do sentimento de pertença. No entanto, este potencial só se concretiza se a mediação for pensada não apenas como transmissão de informação, mas também como experiência relacional. O desafio, neste caso, consiste em criar oportunidades de diálogo, partilha e construção coletiva de significados, promovendo a integração dos seniores numa comunidade cultural ativa.

Assim, os desafios identificados evidenciam a necessidade de uma mediação museológica que vá além da dimensão informativa e que se assuma como prática inclusiva, atenta às especificidades e potencialidades do público sénior. Reconhecer estas questões é o primeiro passo para construir estratégias mais eficazes e democráticas de acesso à cultura.

O papel dos Serviços Educativos na promoção da acessibilidade cultural com o público Sénior

Os Serviços Educativos são a extensão pedagógica à vertente educativa dos museus. Esta perspetiva pedagógica sobre a realidade museológica acarreta desafios de acessibilidade e inclusão de público que podem ir além da promoção de acesso físico, que por norma é a ideia de inclusão que surge primeiramente. A definição do ICOM caracteriza os museus como instituições «acessíveis e inclusivas», que privilegiam a **acessibilidade e a inclusão**, sublinhando assim a importância central destas dimensões no âmbito das preocupações atuais dos museus. Para Vlachou e Alves (2007):

um museu acessível «É um museu que se preocupa com o seu actual e, sobretudo, potencial público; procura conhecê-lo melhor, a fim de poder adaptar a oferta às suas necessidades, com o objetivo de o captar e de o fidelizar. Um museu acessível é um museu de portas e mentes abertas (pág. 99).

O acesso físico aos espaços, em grande medida, está regulamentado por lei, no entanto, considera-se que se poderá fazer sempre mais em virtude do aperfeiçoamento das condições

dos espaços. Mas, para os serviços educativos, a ideia de inclusão deve ser mais abrangente, e incluir, também, o acesso cognitivo, ou seja, o desenvolvimento e promoção de discursos expositivos mediativos que facultem a plena fruição aos públicos independentemente da sua especificidade.

Os serviços educativos são agentes dinamizadores, que fazem de ponte entre as coleções do museu e o público que recebe. Cabe aos serviços educativos facilitar a compreensão e interpretação dos objetos e das coleções, tendo em conta as especificidades de cada grupo.

A inclusão passa muito por entender que somos todos diferentes e temos necessidades e expectativas distintas. Como refere Hooper-Greenhill (1994):

The first thing is to understand that ‘the public’ can be broken down into constituent groups which tend to have at least some characteristics in common. The concept of target groups’ (...) is a useful one. All visitors will have a variety of physical, intellectual and social needs in common, while equally all groups will have their own special need (p.84).

Os serviços educativos podem transformar o museu num espaço de aprendizagem contínua, convívio e inclusão, valorizando o património como algo vivo e partilhado. Sendo assim os serviços educativos. Um serviço educativo tem por missão olhar o mundo, compreender as suas especificidades, ser democrático e perspicaz, de modo a conseguir transpor o museu aos olhos de quem o visita. Neste sentido, diz Fróis (2008):

Procurando os melhores recursos para a facilitação do acesso dos públicos jovem e adulto às coleções; por isso, organizaram conferências, visitas, ateliês, promoveram exposições de “arte infantil”, desenharam programas para o envolvimento das famílias, tal como, ocorre, hoje, nalguns dos museus contemporâneos (p.64).

Cabe aos serviços educativos criar:

Acessibilidade física

- Garantir espaços sem barreiras arquitetónicas (rampas, elevadores, assentos);
- Organizar percursos curtos com pausas regulares;
- Adaptar horários e ritmos das visitas.

Acessibilidade comunicacional

- Utilizar linguagem clara e adequada ao público sénior;
- Disponibilizar materiais acessíveis (letra ampliada, braille, áudio);
- Formar guias e mediadores para uma comunicação inclusiva.

Integração tecnológica simplificada

- Desenvolver audioguias e aplicações de uso intuitivo;
- Oferecer formação digital básica para seniores;
- Criar conteúdos multimédia acessíveis e interativos.

Valorização da memória e experiência do sénior

- Promover oficinas de partilha de memórias relacionadas com o património;
- Incentivar a criação de exposições e testemunhos de vida;
- Reconhecer os seniores como guardiões de tradições e saberes.

Programas culturais adaptados

- Organizar visitas guiadas temáticas dirigidas ao público sénior;
- Desenvolver oficinas criativas (arte, música, artesanato);
- Fomentar atividades intergeracionais que unam jovens e idosos.

Parcerias e redes comunitárias

- Estabelecer cooperação com universidades seniores, lares e centros comunitários;
- Integrar voluntários seniores em projetos patrimoniais;
- Envolver associações locais na dinamização cultural.

Formação de mediadores e técnicos

- Sensibilizar guias e educadores para as necessidades do público sénior;
- Promover formação contínua em envelhecimento ativo e pedagogia sénior;

- Incentivar a adoção de metodologias inclusivas nos serviços culturais.

Em suma, e tendo em conta toda a evolução operada nos museus, é cada vez mais importante incluir. O público sénior – objeto deste projeto – é um público que requer outro tipo de atenção e de mediação, dando-lhe a conhecer o que existe, mas, sobretudo, recolhendo dele contributos que, de outro modo, seriam perdidos para sempre.

CAPÍTULO III- O MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL

O museu de Arte Sacra do Funchal- Edifício e coleção

O Museu de Arte Sacra do Funchal encontra-se instalado no antigo Paço Episcopal, na cidade do Funchal, na Rua chamada do Bispo. Reúne uma herança patrimonial e artística proveniente, na sua grande maioria, de igrejas e capelas diocesanas. Guarda os tesouros maiores da identidade, da cultura, da história e da fé dos madeirenses.

O Edifício

O edifício, classificado em 1948, como monumento nacional, é já uma reconstrução do primitivo Paço Episcopal, mandado construir por D. Luís de Figueiredo de Lemos, nos finais do século XVI.

Em 1748, um terramoto destruiu, quase totalmente, este edifício, ficando apenas de pé o corpo poente e a capela, de D. Luís de Toulosa, que o remata.

Em 1750, dois anos depois, por ordem do Bispo D. João do Nascimento foi feita a reconstrução do Paço, reaproveitando-se a *loggia* maneirista e a capela da edificação. Mendes (2013).

No seu interior, o átrio da entrada encontra-se empedrado, bem ao gosto madeirense dos séculos XVIII e XIX. No centro sobressai uma escadaria de grande efeito visual e de grandes dimensões, com corrimão de cantaria e de planta em voluta.



Figura 1 - Museu de Arte Sacra do Funchal
Fachada principal (Foto Arquivo MASF)



Figura 2 - Museu de Arte Sacra do Funchal (Arquivo MASF)



Figura 3 - Átrio e escadaria do Museu (Foto Arq. MASF)

A parte principal do novo edifício é composta por 3 andares, e um quarto piso, rematado por uma torre Avista Navios, que fica voltada para o lado sul e exibe uma parede de azulejos

azuis e brancos, datados do segundo quartel do século XVIII, onde estão representadas as três virtudes teológicas: a “Fé”, a “Esperança” e a “Caridade”.



Figura 4 -Varanda da torre avista- navios (Foto Arq. MASF)



Figura 5 - Torre avista-navios - Painel azulejar com a representação das Virtudes Teológicas (Foto Arq. MASF)

Capela

A Capela de São Luís de Tolosa, integrada no edifício, apresenta, na sua fachada, a inscrição do ano de 1600. No portal, pode ler-se “Ludovicus Epus Funchalensis 1600” e identificar-se as armas do prelado ladeadas e encimadas por esferas armilares rematadas pela cruz da Ordem de Cristo.

A nível arquitetónico, a fachada da capela se distingue por um portal regional em cantaria, coroado com o Brasão. Acima, um óculo e uma torre sineira em estilo gótico tardio.

“A fachada da capela é encimada por óculo simples e rematada a norte por campanário de gosto tardo-gótico. O prelado mandou representar nas suas armas as dos Figueiredo, mas não as dos Lemos, com rosetas de quarto crescente. Nas armas da capela aparece uma merleta, pequena ave semelhante à andorinha (...) que foi atribuída aos Leme, família que se fixou na Madeira ainda no séc. XV. (...) Para norte, a capela articula-se com uma escadaria de acesso à antiga entrada do paço, com arco de volta perfeita e acesso ao alpendre da loggia, numa composição que terá sido reposta pelas obras de 1940/50”. (Carita, 2017)³

A capela de São Luís de Toulousa, onde o prelado se fez sepultar, apresenta características compositivas do maneirismo português foi reaberta no ano de 1994 e está atualmente despojada de todo o seu recheio, apoiando, neste momento os serviços educativos: é lugar para as oficinas e os ateliês, para a apresentação de livros ou para pequenas exposições.

³ Paço Episcopal (Aprender Madeira)



Figura 6 - Capela de São Luís de Toulouse (Foto Arq. MASF)

A coleção

A partir do trabalho de investigação do Dr. Manuel de Almeida Cayola Zagalo, com a identificação do espólio de arte religiosa e de uma quantidade significativa de obras de pintura flamenga espalhadas pelas igrejas e capelas situadas na ilha, a consciência desse património criou um ambiente favorável à organização e instalação de um Museu de Arte Sacra.

“Cayola Zagalo e Fernando Marnel (técnico de restauro de reputação mundial) deslocam-se à Madeira e com autorização do Bispo do Funchal, a expensas, sobretudo, dos organismos da ilha, as obras foram para a oficina de Restauro da Pintura Antiga. Ainda no mesmo ano foram expostas no Museu Nacional de Arte Antiga. Com o retorno das obras ao Funchal houve a preocupação de integrá-las num museu, uma vez que se tratava de um espólio riquíssimo, demasiado precioso para permanecer fechado para a comunidade”.⁴

⁴ Dinis, S. (2003). P. 93 Dissertação de Sara Dinis - Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à atualidade.

Mendes (2013) desenvolve a génese do Museu de Arte Sacra da seguinte maneira:

Desde 1933 que se reuniram algumas peças da Sé em duas salas anexas, nascendo assim uma primeira preocupação com o património religioso madeirense. Depois do apoio logístico e financeiro da então Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, e do bispo do Funchal da época, D. António Pereira Ribeiro, o conjunto foi enviado para Lisboa para ser restaurado no atelier de Fernando Mardel e foi depois apresentado em 1949, no Museu Nacional de Arte Antiga, numa exposição temporária orientada pelo diretor Dr. João Couto, no XVI Congresso Internacional de História e Arte, no mês de abril desse ano (p.36).

As coleções presentes no Museu de Arte Sacra do Funchal estão organizadas em dois grandes núcleos essenciais: arte portuguesa e arte flamenga. A partir de 2024, um outro núcleo composto por ícones ortodoxos está patente ao público.

O núcleo correspondente à arte portuguesa está instalado no 1º andar do museu. É constituído por ourivesaria, paramentos, escultura e pinturas. A coleção de arte portuguesa, de entre os séculos XVI a XVIII, reflete o percurso cronológico das encomendas efetuadas pelas igrejas e capelas da Diocese do Funchal. Neste núcleo da arte portuguesa, merece especial referência a coleção de ourivesaria, com destaque para o chamado Tesouro da Sé, com grandes peças manuelinas, a que se juntam muitas outras obras mais tardias.

O grande e valiosíssimo núcleo da arte flamenga, está instalado no segundo andar do museu. É constituído por esculturas e pinturas de grandes dimensões e conhecida pela sua qualidade técnica e artística relacionada com o Renascimento do norte da Europa. As esculturas são atribuídas a oficinas das cidades de Antuérpia, Burges e Malines e a grandes pintores flamengos, tais como, Gerard David, Dirck Bouts e ao Mestre do Triptico de Morrison, Joos Van Cleve entre outros.



Figura 7 - Massa de Porteiro Manuelina (Foto Arq. MASF)



Figura 8 - Cruz processional
(Foto Arq. MASF)



Figura 9 - Porta Paz
(Foto Arq. MASF)



Figura 10 - Caldeirinha
(Foto Arq. MASF)

Esses quatro objetos de ourivesaria portuguesa integram no Tesouro da Sé, encomendados por D. Manuel para a Sé do Funchal.

A grande presença de arte flamenga na Madeira explica-se pela importância que o açúcar teve, no nosso princípio, pelos anos 30 do século XV. A exploração intensiva da cana e a consequente exportação e comercialização do açúcar em meados do século XV vão mudar a

dimensão financeira insular, projetando a Madeira a uma escala de comércio que já não é apenas nacional, mas europeia. Por toda a Europa vai crescer o consumo do chamado ouro branco, com a Flandres a ser o principal centro importador e também redistribuidor dos negócios ligados à indústria açucareira. As feitorias portuguesas estabelecidas na Bélgica, primeiro em Bruges e mais tarde em Antuérpia, vão desempenhar importante papel neste circuito comercial, intermediando a chegada do açúcar pela compra de obras de arte. A riqueza açucareira existente na ilha vai então suportar a encomenda de magníficas peças de arte flamenga, em que os grandes senhores, por emulação ou por devoção, importam obras de arte dos mestres flamengos.

A década de 20 do século XVI é tida como ponto alto do açúcar madeirense, sendo interessante detetar a coincidência de serem as décadas de 10 e 20 aquelas onde se inscreve a data da maioria das obras de arte flamenga que aportam à ilha: pinturas, trípticos e retábulos de grandes dimensões, pedras tumulares com incrustações de metal, e alfaias em prata destinadas às igrejas. O poder económico dos “comitentes” é bem visível na qualidade e nas dimensões grandiosas de muitas das obras de arte hoje existentes em algumas igrejas e no Museu de Arte Sacra.

Com uma enorme diversidade de exemplares desde o final do século XV até à primeira metade do século XVI destacam-se as obras atribuídas ao mestre do tríptico de Morrisson, Gérard David, Thierry Bouts, Joos van Cleve, Jan Provoost, Marinus van Reymerswaele, Pieter Coeck van Aelst e Jan Gossaert.



Figura 11 - O Tríptico de São Pedro, São Paulo e Santo André. Atribuído a Joos van Cleve. (Foto Arq. MASF)



Figura 12 - Maria Madalena, de Jan Provoost.
(Foto Arq. MASF)



Figura 13 - Tríptico de São Tiago de Thierry Bouts
(Foto Arq. MASF)

A partir de 2024, porém, o Museu de Arte Sacra propõe ao visitante uma outra experiência: uma viagem à arte sacra oriental, ortodoxa, a um mundo de beleza, de mistério e de contemplação. Trata-se de uma coleção devocional de ícones ortodoxos, doados pelo Bispo Emérito, D. Teodoro de Faria (1930-2025). A coleção de ícones ortodoxos do Museu de Arte Sacra convida o visitante a mergulhar em uma tradição artística profundamente ligada à espiritualidade e à devoção. Esses ícones, mais do que simples obras de arte, são considerados janelas para o divino, expressando a fé e a teologia da Igreja Ortodoxa.

As obras expostas reúnem diversas representações da Virgem, dos Santos venerados e dos Calendários litúrgicos, entre outras, evidenciando a riqueza iconográfica e a profundidade espiritual da tradição ortodoxa.



Figura 14 - Ícones Ortodoxos (Doação do Bispo Emérito, D. Teodoro de Faria ao MASF) (Foto Arq. MASF)

Com largo alcance cultural, o Museu de Arte Sacra do Funchal apresenta-se como um polo cultural de referência no panorama regional, com programação própria, tratando-se de um instrumento fundamental para a educação que fomenta diariamente através das suas exposições, contribuindo para a construção da identidade do lugar.

Os serviços educativos do MASF

Ciente do papel crucial que os museus possuem na missão nobre para contribuir na formação de cidadãos responsáveis, conscientes, criativos, sensíveis e críticos ao conhecimento, preservação e divulgação do património cultural, foram criados os Serviços educativos do Museu de Arte Sacra do Funchal em 1994.

Funcionando com professores destacados de diversas disciplinas, o Museu possui, hoje, serviços educativos com técnicos com experiência de apoio pedagógico especializado e competente na área de educação. O trabalho desenvolvido pelos serviços educativos é de grande importância na comunicação entre os diversos públicos e o museu.

Neste sentido o principal objetivo dos serviços educativos do Museu de Arte Sacra é de criar laços cada vez mais fortes com os vários públicos que nos visita, é promover uma maior diversidade nas atividades oferecidas, desenvolvendo competências e criando maior compreensão e mecanismos de reflexão, na troca de experiências e conhecimentos. É de importância vital sensibilizar o público para a importância das coleções, para o modo como as coleções podem interagir com os públicos e para a necessidade de conservar esta riqueza no presente e no futuro.

Sendo um Museu diocesano, os Serviços Educativos têm também a missão de fazer a mediação entre a Arte e a Religião:

O “(...) Serviço Educativo no Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF) tem desenvolvido programas de estudo e comunicação das suas coleções junto dos vários públicos. O MASF é um museu diocesano que se inscreve nos denominados museus eclesiais e que se define em estreita conexão com o território em que se inscreve – com o seu tecido histórico, cultural, social e religioso. A missão educativa do MASF tem procurado apresentar a beleza dos processos criativos humanos na expressão da sua dimensão religiosa, incentivando a compreensão e a interpretação do património histórico e artístico local, através de mediações para a construção de sentidos que desvelam a autenticidade, a complexidade e a globalidade das obras artísticas de carácter religioso. Partindo do caso concreto do património cultural de natureza religiosa, pretende-se, através deste encontro, criar um espaço alargado de

partilha, debate e reflexão, centrados na multiplicidade e transversalidade dos conceitos, definições, âmbitos e espaços da educação patrimonial hoje”⁵.

Por esse motivo, todas as ações orientadas para os diversos públicos procuram articular as várias missões: dar a conhecer, dar a ver, de modo que o visitante – tenha ele a idade ou a formação que tiver – possa usufruir das coleções, garantido uma experiência educativa, enriquecedora e acessível.

CAPÍTULO IV - O ESTÁGIO CURRICULAR

Numa perspetiva geral, toda esta ação teve um enquadramento no plano de atividades dos serviços educativos da instituição, implantadas em concordância com os vários públicos visitantes, nomeadamente escolas, centros comunitários, universidades seniores e ainda idosos residentes em lares.

Neste capítulo, abordaremos, então, as atividades desenvolvidas na duração do estágio como também os métodos e estratégias implicados na criação de qualquer atividade dinamizada.

Todo o trabalho realizado implica metodologias específicas, até porque o público-alvo do estágio era diferente do que, habitualmente, frequentava o Museu para as atividades educativas.

Num primeiro momento, foi proposto o acompanhamento das visitas guiadas e temáticas, de modo a uma maior familiarização com a coleção que tivemos de estudar, com o modo de a comunicar, observando e tomando notas daquilo que seria necessário pôr em prática. Depois, acompanhamos os colegas dos serviços educativos nas atividades desenvolvidas, procurando, ao mesmo tempo, explorar metodologias participativas e dinâmicas interativas que promovessem a inclusão, o bem-estar e o envolvimento dos participantes com o património cultural.

As atividades práticas desempenham um papel fundamental no contexto de um estágio, permitindo a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos e proporcionando uma

⁵ As conferências do Museu. (2019). Livro de Resumos: Mediações: Aprendizagem, Património e Musues. p.7

experiência imersiva e significativa. As atividades desenvolvidas no museu foram essenciais para compreender a eficácia das metodologias utilizadas, bem como para avaliar o impacto das ações educativas junto do público sénior. Sabendo que o nosso público-alvo era outro, sugerimos “levar” o museu aos lares cujos utentes não tinham condições para se deslocar a este espaço.

Através da interação direta com os participantes, foi possível adaptar estratégias, desenvolver novas abordagens e identificar desafios que não seriam evidentes apenas a partir da teoria. Além disso, a prática permitiu um desenvolvimento pessoal e profissional mais sólido, ao estimular competências como comunicação, empatia e resolução de problemas.

Deste modo, a componente prática deste relatório não só documenta as atividades realizadas, mas também reforça a importância do contacto direto com o público-alvo, demonstrando o valor da experiência prática na formação de profissionais qualificados e preparados para os desafios do setor cultural e educativo.

As atividades foram concebidas com o intuito de tornar o museu um espaço de aprendizagem ativa, estimulando a memória, a socialização e a partilha de experiências. A interação com o público sénior revelou-se uma oportunidade enriquecedora para compreender as suas necessidades, interesses e expectativas, permitindo a adaptação das estratégias pedagógicas para um maior impacto positivo.

No fim de cada atividade, foi feita a avaliação com a equipa do Museu, de modo a melhorar cada vez mais esta relação com os públicos.

Participação nas atividades gerais dos Serviços Educativos

O Museu de Arte Sacra recebe, frequentemente pedidos para grupos, ateliês, escolas e instituições, para visitas orientadas. Tendo em conta aquilo que se pretende com este estágio e a mais-valia que estas visitas e atividades inerentes podiam ter para a nossa formação, integramos a equipa, primeiro, aprendendo com quem já fazia esta tarefa há mais tempo e, depois, paulatinamente, colaborando nas atividades, fazendo parte das reuniões de preparação, contribuindo com ideias e estratégias decorrentes também da investigação bibliográfica feita, participando cada vez mais ativamente no desenvolvimento dos trabalhos

e, em muitos casos, assumindo as visitas e as atividades. Decorre daí o facto de ter participado nas várias modalidades que foram surgindo dentro e fora do Museu, com públicos de várias faixas etárias, apesar de o foco ser, efetivamente, o público sénior.

Intervenção nos Lares e o seu impacto

Para além das atividades realizadas no museu, as visitas a lares foram uma componente essencial deste estágio. Estas ações permitiram levar a cultura e o património a idosos que, por questões de mobilidade ou outras limitações, não têm a possibilidade de visitar o museu.

Durante estas visitas, foram desenvolvidas atividades adaptadas às capacidades e interesses dos residentes, promovendo momentos de partilha, de memória e bem-estar. A estimulação cognitiva e emocional foi um dos principais benefícios observados, uma vez que os idosos puderam relacionar as temáticas abordadas com as suas próprias experiências de vida e com as suas memórias. O diálogo estabelecido e a partilha de vivências proporcionaram-lhes a oportunidade de se sentirem úteis e ativos.

Ao longo do debate e da partilha de memórias, por meio da demonstração de objetos ou da abordagem de um tema específico sobre tradições e rituais, tornou-se evidente como os idosos evocam revivendo o passado, manifestando emoção e paixão ao partilharem as suas experiências e recordações.

A interação nestes contextos reforçou a importância da acessibilidade cultural e da inclusão social, destacando o papel dos museus como agentes ativos na comunidade. Além disso, a troca de experiências, o intercâmbio de vivências entre os idosos e nós criou um ambiente dinâmico e estimulante, promovendo uma aprendizagem mútua e enriquecedora para todos os envolvidos.

Atividades Desenvolvidas durante o Estágio

- 1- Decoração das jarras patentes na exposição: “Vasos de Altar -Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes”**

A primeira atividade desenvolveu-se em redor da exposição temporária a decorrer no museu, entre 21-06-2023 a 18-10-2023 com o tema “**Vasos de Altar -Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes**”⁶ e teve lugar na sala de exposições temporárias do MASF.

Esta exposição dividia-se em três momentos distintos:

- Expor uma diversificada coleção de jarros de altar provenientes das igrejas da Diocese do Funchal, com diferentes formas e materiais, permitindo apreciar a sua utilização singular na decoração dos espaços religiosos ao longo do tempo no arquipélago e como podem ser usados de forma contemporânea e qual sua relevância no presente;
- Apresentar as obras desenvolvidas pelo artista convidado. Através destas obras estabelecemos outras relações coma cultura insular, a criação artística e o artesanato;
- Fazer uma retrospectiva sobre as dinâmicas educativas deste museu, que têm procurado desenvolver maior literacia da natureza do nosso público.

As peças do artista convidado estiveram em dois núcleos diferentes: uma instalação nesta exposição e outra no altar da Capela das Onze Mil Virgens da igreja de São João Evangelista. Neste último núcleo, cumprem a função de suporte para flores no espaço sagrado.

Esta exposição dialogava diretamente com os vasos de flores, representados nas pinturas flamengas patentes no MASF.



⁶ José Manuel Gomes (1959), natural da Madeira, graduou-se em Artes Plásticas - Escultura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, em 1982.

Em 1997, concluiu a sua agregação em Belas Artes pela Universidade da Madeira, onde exerceu como professor até 2022. Desde 1980, participa ativamente em exposições de Artes Plásticas, tendo sido distinguido em diversos concursos de escultura pública e Artes Plásticas.

Figura 15 - Exposição Temporária - Vasos de Altar- Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes (Fotos Arq. MASF).

As exposições constituem formas atuais e relevantes de comunicação entre os museus e o público, tendo como principal função a divulgação e a promoção do conhecimento. Quando articuladas com as suas coleções, tornam-se ambientes que estimulam o espírito crítico, através da apresentação dos objetos em novos contextos e da construção de ideias acessíveis ao público. Nesse sentido, o público deve ser considerado a peça central no processo de conceção de uma exposição. A comunicação entre a exposição e o público envolve uma didática específica, baseada na partilha de conhecimentos.

Como colaboradora do Museu, participei na montagem desta exposição, desde a seleção e recolha de jarras de diferentes Paróquias da Diocese do Funchal: Igreja de Machico, Igreja do Porto da Cruz, Igreja de Câmara de Lobos, Igreja da Sé, Igreja do Colégio, Igreja de São Pedro, entre outras.

FICHA DA ATIVIDADE:

1-Decoração das jarras patentes na exposição: “Vasos de Altar -Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes”

Data: 16-10-2023

Hora: 10:30 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de Pessoas: 12 pessoas

Destinatários: Público Sénior; entre 65 e 75 anos - Utentes do Espaço Sénior Quinta das Cruzes

Local da Atividade: Sala de exposições temporárias do MASF

Objetivos da atividade:

- Promoção da interação entre os visitantes e as peças expostas, de forma a permitir o diálogo e troca de conhecimentos;

- Reaver de memória afetiva;
- Valorizar e enaltecer as flores no contexto litúrgico;
- Debater a simbologia das flores, sua importância nas celebrações religiosas;
- Aprofundar o conhecimento sobre tradições, vivências e rituais religiosos;
- Perceber e valorizar as vivências, através de partilha e reflexões de histórias;
- Estabelecer conexões entre as obras de arte sacra e as memórias afetivas individuais e a cultura religiosa;
- Estimular a partilha de experiências.

Descrição:

No dia 16 de outubro, realizamos uma visita no MASF a um grupo de 13 pessoas, com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos, provenientes do Espaço Sénior Quinta das Cruzes. Esta visita iniciou-se na sala de exposições temporárias do museu.

Começamos por visualizar um vídeo, que mostra a recolha de vários tipos e espécies de flores, que podem nascer espontaneamente nas serras e nos campos e depois eram colhidas pela comunidade, para a execução dos tapetes de flores ou para enfeitar as igrejas para as festividades e comemorações religiosas.

Refletimos e relacionamos essa visualização com o resto do conteúdo da exposição.

Por fim, tínhamos preparado uma componente prática, em que pedíamos aos visitantes que decorassem umas jarras patentes na exposição.

Foi uma atividade muito positiva e enriquecedora. Todos nós partilhamos experiências diferentes de forma a enriquecer e a relembrar as nossas tradições.



Figura 16 - Visita à exposição Temporária- “Vasos de Altar- Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes” (Fotos Arq. MASF)

FICHA DA ATIVIDADE:

1-Decoração das jarras patentes na exposição: “Vasos de Altar -Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes” –

Data: 17- 10-2023

Horário: 14:30 horas

Duração: 90 minutos

Número de Pessoas: 13 adultos

Destinatários: Público Sénior; entre 65 e 70 anos - Centro Comunitário Regional do Funchal

Local da Atividade: Sala de exposições temporárias do MASF

Objetivos desta atividade:

- Promoção da interação entre os visitantes, de forma a permitir o diálogo e troca de conhecimentos;
- Reaver de memória afetiva;
- Valorizar e enaltecer as flores no contexto litúrgico;
- Debater a simbologia das flores, sua importância nas celebrações religiosas;

- Aprofundar o conhecimento sobre tradições, vivências e rituais religiosos;
- Perceber e valorizar as vivências, através de partilha e reflexões de histórias;
- Estabelecer conexões entre as obras de arte sacra e as memórias afetivas individuais e a cultura religiosa;
- Estimular a partilha de experiências.

Descrição da atividade:

Esta atividade desenrolou-se na sala de exposições temporárias do museu e no 2º andar, junto das pinturas flamengas. Decorreu no dia 17 de outubro de 2023, com um grupo de visitantes com idades compreendidas entre os 65 e os 70 anos, provenientes do Centro Comunitário Regional do Funchal e desenvolveu-se à volta do tema da exposição temporária: “*Vasos de Altar- Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes*”, e conseqüentemente, relacionada com as flores representadas nas pinturas flamengas.

Iniciamos a visita na exposição temporária, subimos ao segundo andar para visualizarmos a pintura flamenga. Ali, foi abordado e visualizada a representação de contentores (jarras) para flores representados nas pinturas; debatemos o significado das mesmas flores na pintura. Temos por exemplo, numa pintura que cujo tema representado é uma *Anunciação*, podemos ver a presença de uma jarra com açucenas, ao lado da Virgem, simbolizando a pureza e a virgindade de Nossa Senhora.

Foi uma visita muito positiva, em que o grupo refletiu e partilhou experiências vivenciadas por eles. Como curiosidade uma senhora partilhou connosco, que costumava ir apanhar açucenas para as serras, juntamente com outros vizinhos, para enfeitar a capela e a praceta para a festa da Nossa Senhora do Bom Despacho. Todos tiveram memória e experiências para partilhar, dando vida às tradições e rituais da comunidade.



Figura 17 - Visita Guiada: Ligação entre a exposição temporária “Vasos de Altar- Flores e Liturgia a partir da Cerâmica de José Manuel Gomes” e as pinturas flamengas (Fotos Arq. MASF).

2-Aldeia de Natal, na praça do Município

Datas:

Dia 22-12-2023;

Dia 27- 12-2023

Dia 29-12-2023

Saindo do edifício do Museu, entendemos levá-lo para a Praça e participar em atividades promovidas pela Câmara Municipal do Funchal, no âmbito da aldeia de Natal.

Para essa atividade que se desenvolveu em três dias diferentes, o Museu idealizou um puzzle feito com cubos (50cm/50cm) que, depois de montados, representavam algumas das pinturas flamengas alusivas ao Natal, expostas no museu.

Obras:

- **Anunciação**- atribuída a Joos Van Cleve;

- **Natividade**- atribuída ao Mestre do Tríptico Morrison;

-**Adoração dos Magos**- atribuída ao Mestre da Adoração de Machico;

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 22-12- 2023 / 27- 12-2023 e dia 29-12-2023

Horário: alguns dias no turno da manhã (10:30 às 12:00 horas) e no turno da tarde (14:30 às 17:00 Horas)

Duração da atividade: Parte da manhã (1 hora e 30 minutos), tarde (2 horas e 30 minutos)

Número de pessoas: Grupos de 6 a 7 pessoas

Destinatários: Público variado, muitas vezes crianças, famílias (constituídas por crianças com pais e avós), mas maioritariamente por crianças entre os 6 e os 10 anos.

Local da Atividade: Praça do Colégio- Aldeia de Natal

Objetivos desta atividade:

- Dar a conhecer o museu e algumas das peças do seu espólio;
- Associar-se à época festiva (Natal), uma vez que o museu é constituído essencialmente por de Arte Sacra;
- Sensibilizar para uma visita ao Museu de Arte Sacra e conseqüentemente levar suas famílias. Para tal, criamos um voucher de desconto que distribuimos às famílias que se juntavam à nossa atividade.

Descrição da atividade:

As atividades eram agendadas pela CMF, com escolas e ATLS., mas muitas vezes vinham centros dia e outras instituições sem agendamento.

Inicialmente, dizíamos donde vínhamos e onde podiam encontrar aquelas pinturas, isto é, fazíamos uma pequena apresentação do museu. Mostramos a imagem previamente reproduzida, questionamos sobre o tema, exploramos a pintura, relacionamo-las com o tempo litúrgico e com a passagem bíblica a que diz respeito. A abordagem e o desenvolvimento da atividade ajustavam-se consoante a idade do público que comparecia. Por fim, montávamos o puzzle.



Figura 18 - Atividade Temática- na Aldeia de Natal (Fotos arq. MASF)

3-Visita orientada

Universidade Sénior do Porto Santo

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 15- 03-2024

Horário: 10:30 Horas

Duração da Atividade: Entre 90 minutos

Número de Pessoas: 17 pessoas

Destinatários: Pessoas com idades compreendidas entre os 65 e 70 anos - Utentes da Universidade Sénior do Porto Santo

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra (exposição permanente)

Objetivos desta atividade:

- Dar a conhecer o museu e algumas peças do seu espólio;
- Proporcionar um encontro com a arte sacra e a história religiosa local;
- Permitir a redescoberta de memórias e tradições ligadas à fé;
- Aproveitar o espaço para socialização e interação dos utentes;
- Promover a inclusão social e o envelhecimento ativo.

Descrição da atividade:

Iniciamos a visita, no pátio do museu, com uma pequena contextualização sobre a história do museu e do seu espólio. Seguimos o percurso normal de uma visita, parando pelo caminho, não simplesmente a ver as peças, mas para contar as suas histórias, significados, proveniência, utilidade e importância cultural.



Figura 19 - Visita orientada á Universidade Sénior do Porto Santo (Foto Arq. MASF)

4- Atividade: Visita e Oficina de Páscoa

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 18- 03-2024

Horário: 10:30 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 19 crianças – Alunos da Escola Maria Eugénia de Canavial

Destinatários: Crianças com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra (exposição permanente) e parte prática na sala dos serviços educativos.

Objetivos desta atividade:

- Dar a conhecer as obras do museu;
- Refletir acerca das obras referentes ao tema da Paixão de Cristo;
- Conhecer melhor as obras que ilustram esta temática (Paixão de Cristo).

Descrição da atividade:

Recebemos no museu alunos do 4º Ano da Escola Maria Eugénia de Canavial, numa visita e oficina temática sobre a Páscoa.

Inicialmente as crianças começam por conhecer melhor as obras do museu, que ilustram esta temática e posteriormente participam numa oficina prática de manipulação de papel, com enfoque na celebração da ressurreição, a partir da interpretação e representação de elementos da natureza.



Figura 20 - Visita e oficina temática (Foto Arq. MASF)

5-Construção de Palmitos

Comunidade da Paróquia do Curral das Freiras

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 19-03-2024

Horário: 14:00 Horas

Duração da atividade: 3 horas

Número de pessoas: 10 pessoas

Destinatários: Comunidade da Paróquia do Curral das Freiras, com idades compreendidas entre os 50 e 75 anos

Local da atividade: Paróquia do Curral das Freiras (anexo)

Objetivo da atividade:

- Preservar a tradição cultural rica em significados e memórias coletivas;

- Manter os rituais e tradições da comunidade.

Descrição da atividade:

Na freguesia do Curral das Freiras, desenvolveu-se a atividade de confeção de palmitos, integrada na programação da Páscoa do MASF.

Esta atividade consistiu na realização de um palmito por cada participante, através de um pequeno ramo de palmeira, trabalhavam e entrelaçavam as folhas de forma a obter formas decorativas, muitas vezes em cruces, flores, espirais ou outros motivos simbólicos. Esta tradição está associada á Páscoa, no Domingo de Ramos que como diz a tradição, são levados á missa para ser benzidos.



Figura 21 - Execução de Palmitos (Foto Arq. MASF)

6-Atividade: O Museu vai ao lar e leva a Páscoa

Lar D'Ajuda – Unidade IV- Vale D'Ajuda – São Martinho

No dia 20 de março de 2024, levamos o museu a um lar de idosos, de modo a fazer chegar um pouco da nossa história, cultura e religião a um público que infelizmente não nos pode visitar.

O tema foi a Páscoa, um tema alusivo ao período que se estava a decorrer. Foi uma atividade teórico/ prática. Os idosos foram convidados a partilhar o que a Páscoa significa para eles ou memórias de celebrações passadas.

Foi uma atividade muito produtiva, com grande impacto e interesse por parte dos idosos.

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 20-03-2024

Horário: 10:30 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 14 Pessoas

Destinatário: Público Sénior, com idades entre os 70 e 80 anos - Utentes do Lar D`Ajuda – Unidade IV- Vale D`Ajuda – São Martinho

Local da Atividade: Lar D` Ajuda Unidade IV

Tema da atividade: “Páscoa e a Cruz da Ressurreição”

Objetivo da atividade:

- Promover um momento de reflexão espiritual;
- Mediação sobre o significado da cruz e a ressurreição de Cristo;
- Promover a inclusão;
- Proporcionar aos idosos a oportunidade de interagir e debater;
- Garantir que todos tenham acesso a iniciativas culturais, independentemente das limitações físicas;
- Oferecer uma experiência interativa que quebre com a rotina, aumentando o bem-estar emocional;
- Proporcionar momentos de lazer que desperte curiosidades e descobertas.

Descrição da atividade:

Com esta atividade pretendíamos que houvesse uma reflexão espiritual, de forma a criar um momento de partilha de experiências entre os idosos, explorando o significado da Cruz, na Páscoa. Os utentes expressaram as suas ideias e contribuíram com as suas perspetivas durante a atividade.

Foi pedido aos utentes, que decorassem a Cruz da Ressurreição, com flores de papel, de várias cores. Os utentes que estavam aptos participaram ativamente, com dedicação e criatividade, na decoração da cruz.

Concluimos a atividade pedindo aos utentes que expressassem, numa palavra ou frase, escrita ou oral, o significado da Páscoa, nas suas vidas.

Distintas foram as expressões, que este público nos deixou. Durante o momento de partilha, alguns utentes, visivelmente emocionados, choraram a pronunciar a palavra que escolheram.



Figura 22 - O Museu vai ao lar e leva a Páscoa: Lar D’Ajuda, Unidade IV (Foto Arq. MASF)

7-Atelier da Páscoa - Arca D`Ajuda

No dia 1 de abril, o MASF acolheu o Atelier Arca D`Ajuda para uma visita ao museu, seguida de uma atividade prática.

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 01-04-2024

Horário: 14:30 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 23 crianças

Destinatários: Crianças de um ATL Arca D`Ajuda

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Elucidar o significado da Páscoa através de algumas obras, que fazem parte da coleção do museu;
- Dar a conhecer momentos bíblicos sobre a Páscoa, representados no museu, como a Última Ceia, a Ressurreição, Descida da Cruz, entre outros;
- Proporcionar a compreensão sobre tradições religiosas e culturais;
- Ligar a história, a cultura e a diversão;
- Promover a socialização e a partilha.

Descrição da atividade:

No dia 1 de abril, o MASF acolheu o Atelier Arca D`Ajuda, para uma dinâmica com tema da alusivo à Pascoa.

Inicialmente dividimos as crianças em 2 grupos, e fizemos uma visita pelo museu, abordando as pinturas alusivas a este período.

Depois procedeu-se a uma atividade prática na capela, na qual foi sugerido que os alunos decorassem, a gosto, uma cruz em cartão, com flores de papel, á semelhança do Domingo da Ressurreição.

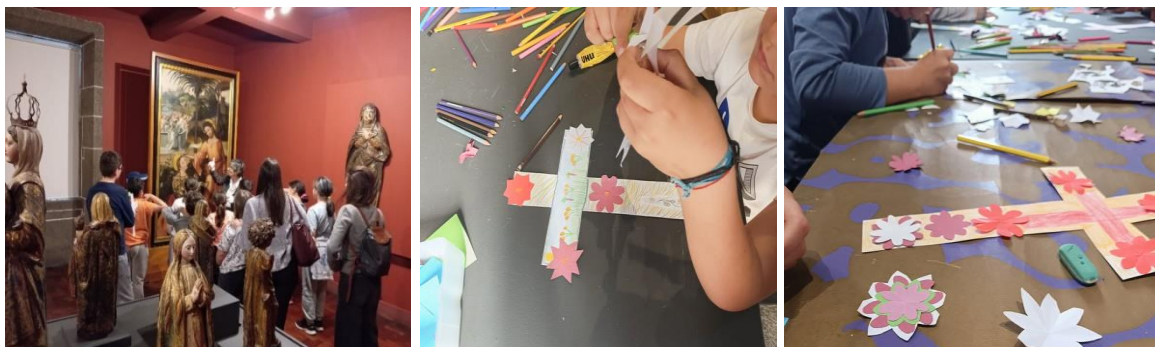


Figura 22 - Atelier da Páscoa - Arca D' Ajuda (Foto Arq. MASF)

8-Os ícones ortodoxos - Visita programada ao novo núcleo do museu, Ícones Ortodoxos.

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 15-04-2024

Horário: 14:30 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 16 pessoas

Destinatário: Público Sénior - Utentes da Universidade Sénior de Câmara de Lobos

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Proporcionar momentos de lazer e partilha de conhecimentos;
- Dar a conhecer o novo núcleo de obras, adquiridas pelo MASF, o núcleo dos “Ícones”, doação de Dom Teodoro de Faria, ao MASF;
- Debater e abordar várias questões teológicas, históricas e culturais;
- Promover o debate entre as diferentes tradições e culturas ortodoxas e cristãos.

Descrição da Atividade:

Este grupo já tinha visitado o museu anteriormente e agora voltou para ver o novo núcleo de ícones, adquiridos pelo MASF recentemente. No entanto fizemos o percurso normal de uma visita, fazendo pausas ao longo do percurso, conversando e interagindo sobre as obras.

Por fim, e já no núcleo dos ícones, onde tudo era novo, aumentou a curiosidade e o entusiasmo. Focamo-nos em pontos essenciais sobre a representação, produção, simbologia e significado dos ícones, para os ortodoxos.

Foi uma atividade muito produtiva, tanto para nós como para o grupo. Partilhamos ideias, entre as diferenças da religião e cultura do povo ortodoxo e os cristãos.



Figura 23 - Visita programada ao novo núcleo do museu, Ícones Ortodoxos (Foto Arq. MASF)

9-Atividade: Memórias - Lar D'Ajuda – Unidade V- Pico dos Barcelos

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 24-04-2024

Horário: 10:00 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 30 pessoas

Destinatário: Público Sénior - Utentes do Lar D' Ajuda – Unidade V- Pico dos Barcelos

Local da Atividade: Lar D' Ajuda Unidade V- Pico dos Barcelos

Objetivo da atividade:

- Reviver memórias pessoais relacionadas com este período importante da história;
- Despertar a reflexão;
- Estimular a participação e o diálogo entre os utentes;
- Promover a memória coletiva;
- Proporcionar a inclusão social e cultural.

Descrição da atividade:

Com a aproximação do dia 25 de Abril e por ocasião de uma atividade alusiva a este tema no museu, propusemos uma ida ao lar com o intuito de recolher e perpetuar as memórias e as experiências deste momento da história.

Após o debate sobre o tema do 25 de Abril, os utentes tiveram a oportunidade de partilhar as suas opiniões, por escrito e oralmente. Muitos fizeram-no de forma emotiva, evidenciando o impacto profundo que este marco histórico teve nas suas vidas e na sociedade em geral.

Foi extremamente enriquecedor ouvir os utentes partilharem as suas experiências desta época, trazendo à luz acontecimentos e perspetivas que muitos de nós desconhecíamos. Além disso, entre eles, as partilhas e vivências foram sentidas de formas diversas, gerando momentos de grande emoção e interação. Houve até ocasiões em que os utentes se

confrontavam amigavelmente, questionando-se com frases como: “Lembram-se disto”? Este reviver memórias tornou o debate mais dinâmico e significativo.



Figura 24 - Memórias - Lar D`Ajuda – Unidade V- Pico dos Barcelos (Foto Arq. MASF)

10-Atividade: O MASF – as coleções - Universidade Sénior de Santa Maria Maior

Data: 30-04-2024

Horário: 14:30 Horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 12 pessoas

Destinatário: Público Sénior - Utentes da Universidade Sénior de Santa Maria Maior

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Dar a conhecer um pouco da história cultural local, por meio das peças expostas no museu;
- Demonstrar a sua função para a qual era destinado e o papel que desempenhava no quotidiano nas práticas culturais, religiosas ou sociais;
- Proporcionar a valorização e preservação do património cultural e histórico local;

Descrição da atividade:

No dia 30 de abril, recebemos a Universidade Sénior de Santa Maria Maior. A maior parte do grupo não conhecia o museu. À entrada, foi feita a receção ao grupo e uma introdução sobre a história da instituição, destacando o seu papel na preservação do património cultural. Além disso, foi apresentada uma breve explicação das obras, explorando o seu significado histórico, cultural e a sua representatividade dentro do acervo do museu.

Durante o percurso da visita, fizemos várias paragens para explicar e partilhar informações sobre as peças expostas, fazendo referências à sua utilidade, época a que pertenciam, em que festividades e celebrações religiosas eram usados, e a que paróquia pertencem. Estes esclarecimentos e interpretações, permitiram aprofundar o conhecimento sobre o contexto histórico e cultural de cada peça, analisando hábitos, costumes e tradições da nossa comunidade.

Houve uma enriquecedora partilha de conhecimentos, ideias e experiências entre os visitantes. Esta troca de ideias e opiniões permitiu explorar diferentes perspetivas sobre a nossa história cultural, fomentando um ambiente de aprendizagem coletiva e interação.



Figura 25 - Visita às coleções - Universidade Sénior de Santa Maria Maior (Foto Arq. MASF)

11-Atividade: O Muro da Esperança – Ciclo da primavera no MASF

Porque na cidade, se comemora a Festa da Flor e na Praça se constrói o muro da esperança, o Museu quis fazer parte desta festividade que atrai tantos turistas à Ilha da Madeira.

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 06-05-2024

Horário: 14:20 Horas e às 15.20

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 2 Grupos (aprox.40 crianças)

Destinatário: Crianças – alunos da Escola EB23 do Estreito de Câmara de Lobos

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Promover a aprendizagem sobre a importância e a representação das flores nas obras do MASF;
- Reviver a cultura e as tradições;
- Promover a interação e o convívio;
- Inspirar a expressão artística e cultural com base no tema envolvido.

Descrição da atividade:

No dia 6 de maio, o Serviço Educativo do MASF, recebeu alunos da Escola EB23 do Estreito de Câmara de Lobos. Mais uma vez, o museu articula a programação do Ciclo da Primavera, com a Festa da Flor. Os alunos participaram numa atividade teórico/prática.

A visita iniciou-se fruindo algumas obras do museu que continham representações de flores e plantas e consequente análise da sua contextualização na iconografia religiosa. Estas peças serviram como ponto de partida para explorar como a natureza sempre foi uma fonte de inspiração para os artistas, ao longo dos séculos. Foram destacados os detalhes e significados das flores e plantas nas obras, desde o seu simbolismo até à sua relevância no contexto histórico e cultural em que foram criadas. Esta abordagem permitiu criar uma ligação entre

o passado artístico e o tema da primavera, promovendo uma reflexão sobre a relação entre arte e natureza.

A parte prática decorreu, na capela do museu. Consistiu em desenhar flores ou plantas, que eram projetadas e transferidas para um grande papel de cenário colocado numa das paredes. Este trabalho coletivo, enquadrado na temática da primavera, resultou no 'Muro da Esperança', uma criação artística carregada de simbolismo e significados positivos. O “Muro da Esperança”, não é mais do que um espaço simbólico, é uma expressão viva de cultura, tradição de um povo.



Figura 26 - O Muro da Esperança – Ciclo da primavera no MASF (Foto Arq. MASF)

12-Atividade: Vamos fazer um ícone?

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 13-05-2024

Horário: 11:00 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 13 pessoas

Destinatário: Público Sénior - Utentes do Centro Regional do Funchal

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Permitir que os participantes interpretem e integrem os conhecimentos adquiridos durante a visita à exposição;
- Combinar a observação (visita) com a prática (criação) enriquecendo a experiência;
- Transformar a visita ao museu numa experiência dinâmica e impactante, com aprendizagens que permanecem na memória.

Descrição da atividade:

No dia 13 de maio, recebemos no MASF, um grupo de utentes do Centro Regional do Funchal, com o objetivo de realizar uma visita ao novo núcleo expositivo do museu, o núcleo de Ícones Ortodoxos, doação de Dom Teodoro de Faria.

Foi uma visita com uma componente teórico/prática. Começámos a visita ao museu, explorando o núcleo expositivo dos Ícones. Após termos apresentados e conhecido os diversos conteúdos apresentados no núcleo, avançamos para uma atividade prática inspirada no que vimos durante a visita. Os utentes puderam levar consigo um pouco do museu recriando através da sua criatividade um dos ícones expostos, com resultados expressivos muito interessantes.



Figura 27 - Vamos fazer um Ícone- Utesntes do Centro Regional do Funchal (Foto Arq. MASF)

13-Atividade: Representações de Maria no MASF – Maio- Mês de Maria - Lar D´Ajuda unidade IV- Vale D´Ajuda – São Martinho

Data: 20-05-2024

Horário: 10:30 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 12 pessoas

Destinatário: Público Sénior – Utentes do Lar D´Ajuda unidade IV- Vale D´Ajuda – São Martinho

Local da Atividade: Lar D`Ajuda unidade IV

Objetivo da atividade:

- Levar o Museu até quem não nos pode visitar;
- Criar um momento de reflexão e Espiritualidade;
- Dar a conhecer as diversas representações de Nossas Senhoras representadas no Museu, cada uma com seu nome, história e atributos específicos;
- Promover a inclusão e estimular a memória e a devoção dos utentes;
- Proporcionar momentos de partilha, reflexão e proximidade com o património religioso;
- Estimular as emoções.

Descrição da atividade:

No dia 20 de maio de 2024, pelas 10:30, dirigimo-nos ao Lar D´Ajuda, unidade IV, em São Martinho, com o objetivo de levarmos um pouco do museu aos utentes desta instituição, que infelizmente não conseguem visitar-nos.

Estávamos no mês de maio, mês de Maria, pelo que proporcionamos uma visita virtual temática, conduzindo uma atividade dedicada às diversas representações de Nossa Senhora presentes no Museu, cada uma com o seu título, história e atributos específicos, permitindo aos utentes, aprofundar o seu conhecimento sobre as diferentes devoções marianas e o seu significado cultural e religioso.

Preparamos um PowerPoint com as diferentes representações iconográficas da Virgem, apresentando obras do núcleo de pintura e escultura portuguesa, do núcleo de pintura e escultura flamenga e do núcleo mais recente de ícones ortodoxos, que fazem parte do nosso espólio. Trocámos ideias sobre as diferentes representações de Nossa Senhora entre nós e os utentes, que compartilharam as suas experiências, devoções e perceções sobre cada imagem.

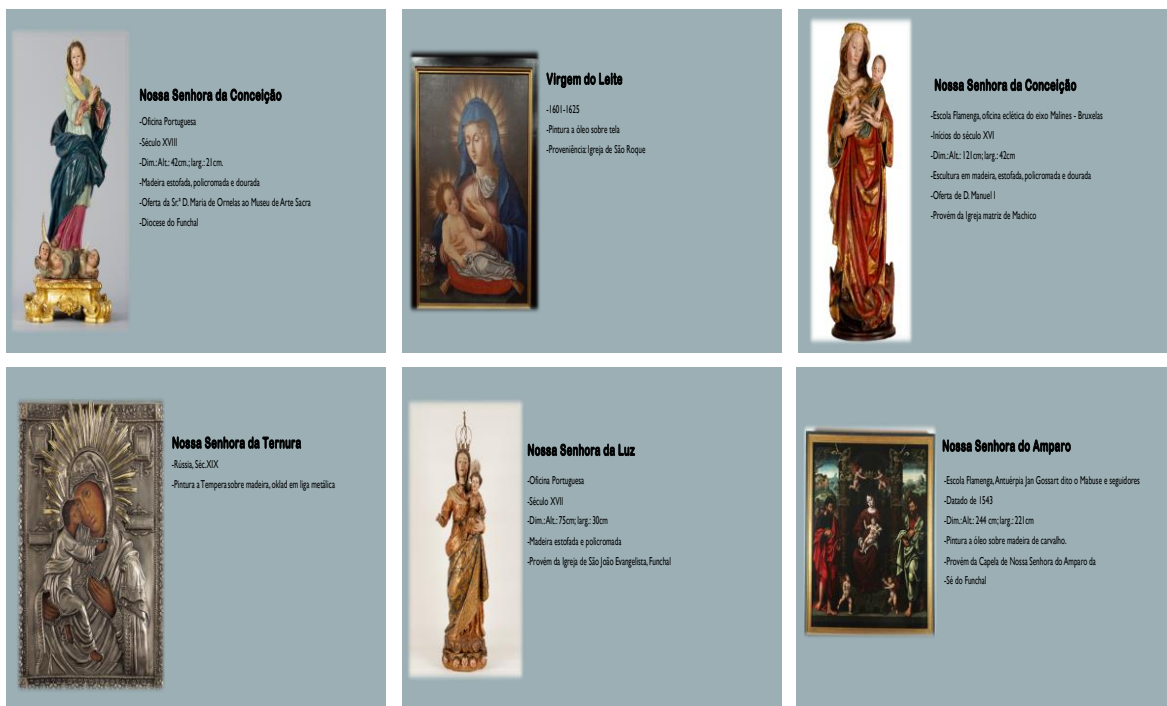


Figura 28 - Representações de Maria no MASF - Mês de Maria - Lar D´Ajuda unidade IV (Foto Arq. MASF)

Por fim, foi solicitada uma atividade prática, que consistiu na construção de um terço, em cartolina, onde os utentes deixaram os seus desejos ou agradecimentos a Nossa Senhora, que depois eram unidas por um cordel, formando um terço.

Através desta partilha, os utentes revelaram o seu conhecimento sobre as diferentes devoções marianas e o seu significado na fé e na cultura.



Figura 29 - Atividade prática- construção de um terço em cartolina (Foto Arq. MASF)

14-Atividade: Representações de Maria no MASF - Maio- Mês de Maria - Lar D`Ajuda- Unidade V- Pico dos Barcelos

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 22-05-2024

Horário: 10:30 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 16 pessoas

Destinatário: Público Sénior

Local da Atividade: Lar D'Ajuda Unidade V – Pico dos Barcelos

Objetivo da atividade:

- Levar o Museu até quem não nos pode visitar;
- Promover o conhecimento e a valorização do património cultural e religioso, aproximando os idosos com suas tradições e memórias espirituais;
- Evocar memórias pessoais e coletivas, especialmente para idosos que viveram em contextos religiosos ou culturais;
- Dar a conhecer as diversas representações de Nossas Senhoras representadas no Museu, cada uma com seu nome, história e atributos específicos;
- Proporcionar momentos de partilha e interação entre os utentes;

Descrição da atividade:

No dia 22 de maio, levamos o Museu de Arte Sacra do Funchal ao Lar de idosos D'Ajuda, Unidade V, no Pico dos Barcelos.

A visita teve uma temática mariana, em consonância com as celebrações do mês de maio. Apresentamos um PowerPoint com imagens das diversas representações de Nossa Senhora presentes no acervo do museu.

Exploramos a iconografia mariana, analisando as várias invocações de Nossa Senhora (Nossa Senhora do Leite, Nossa Senhora dos anjos, Nossa Senhora da Conceição, etc.) Através de uma apresentação visual, discutimos o simbolismo e o significado de cada representação, destacando os atributos específicos que caracterizam e diferenciam cada invocação da Virgem Maria.

Para consolidar a experiência, promovemos uma atividade interativa e reflexiva: a construção de um terço personalizado em cartolina colorida, os utentes expressaram sua fé, escrevendo mensagens e preces dirigidas à Nossa Senhora de sua particular devoção. Por fim estas mensagens unidas por um cordel, originaram a criação de um terço personalizado. Esta atividade permitiu momentos de reflexão, inclusão, memória e espiritualidade, contribuindo para o bem-estar do idoso.



Figura 30 - Representações de Maria da coleção MASF – Mês de maio- Lar D’Ajuda unidade V (Foto Arq. MASF)



Figura 31- Atividade prática- construção de um Terço, com as mensagens escritas, na cartolina, pelos utentes-Lar D’Ajuda unidade V (Foto Arq. MASF)

15-Atividade: O nosso Património

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 04-06-2024

Horário: 10:00 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 15 pessoas

Destinatário: Público Sénior – Utentes da Universidade Sénior da Câmara Municipal do Funchal

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Dar a conhecer um pouco da nossa cultura, tradições e história da Madeira, destacando a riqueza do património artístico, cultural, económico e religioso da região;
- Realçar que estas obras testemunham a devoção e a identidade do nosso povo;
- Proporcionar momentos de partilha de ideias e opiniões;
- Apelar pela conservação do património, assegurando a sua sustentabilidade para as futuras gerações.

Descrição da atividade:

No dia 4 de junho de 2024, o museu recebeu um grupo de 15 pessoas da Universidade Sénior da Câmara Municipal do Funchal.

A visita teve início no pátio da entrada do museu, onde fizemos uma breve contextualização histórica, antes de avançarmos para os restantes pisos e coleções.

O tema proposto pela formadora do grupo, era sobre património.

Para alguns membros do grupo esta é a primeira vez que vêm ao MASF e queremos aproveitar esta oportunidade para lhes dar a conhecer o património histórico, cultural, social e económico da nossa região. Também tivemos a oportunidade de dar a conhecer o novo

núcleo do museu, que agora integra uma coleção de ícones ortodoxos, enriquecendo ainda mais o seu espólio.

Durante o percurso, realizámos pequenas paragens junto a algumas peças para fornecer informações sobre a sua história, proveniência e utilidade.

Foi uma visita dinâmica e participativa, onde todos tiveram a oportunidade de partilhar as suas opiniões e contar histórias associadas às peças que conheciam, muitas delas ligadas às suas paróquias.



Figura 32: O nosso Património- Universidade Sénior da Câmara Municipal do Funchal

16-Atividade: Visita orientada

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 22-07- 2024

Horário: 10:00 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 25 crianças (2 grupos)

Destinatário: Crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos –ATL Escola Princesa D. Amélia

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Dar a conhecer o museu e as suas coleções;
- Proporcionar aos participantes a oportunidade de aprender mais sobre arte, história e cultura local;
- Destacar a importância da religião na formação da identidade cultural e social de uma comunidade;
- Estimular a atenção, a memória visual e a criatividade, permitindo que cada criança expressasse a sua interpretação pessoal da obra escolhida.

Descrição da atividade:

No dia 22 de julho recebemos um grupo de 25 crianças, do ATL Escola Princesa D. Amélia. Realizámos uma visita ao museu, fazendo pausas pelo percurso e conversando sobre as diferentes obras apresentadas.

Após a visita ao museu, foi proposto às crianças que realizassem um desenho inspirado numa das peças observadas, podendo escolher entre uma escultura ou uma pintura.



Figura 33 - ATL- Escola Princesa D. Amélia (Foto Arq. MASF)

17-Atividade: Visita orientada

FICHA DA ATIVIDADE:

Data: 14-08- 2024

Horário: 10:00 horas

Duração da atividade: 90 minutos

Número de pessoas: 18 pessoas

Destinatário: pessoas com idades compreendidas entre os 50, 70 anos – Utentes Ginásio da Barreirinha

Local da Atividade: Museu de Arte Sacra do Funchal

Objetivo da atividade:

- Dar a conhecer o museu e as suas coleções;
- Proporcionar aos participantes a oportunidade de aprender mais sobre arte, história e cultura local;
- Destacar a importância da religião na formação da identidade cultural e social de uma comunidade;
- Estimular a memória, a atenção e a capacidade de concentração, que são importantes para a saúde mental dos participantes;
- Proporcionar momentos de introspeção e contemplação, dado que a arte sacra frequentemente transmite sentimentos de espiritualidade, paz e beleza.

Descrição da atividade:

No dia 14 de agosto de 2024 realizou-se uma visita de estudo ao Museu de Arte Sacra, com o objetivo de conhecer o património histórico, artístico e religioso preservado neste espaço cultural. A visita teve início com uma breve apresentação do edifício onde o museu está situado, destacando a sua história e as funções que desempenhou antes de ser convertido em museu.

De seguida, foi feita uma descrição como está organizado o museu e quais temáticas encontradas nos três pisos.

A visita estendeu-se pelas várias salas do museu, fazendo pequenas paragens para conhecer melhor as peças em exposição, explorando a sua história, o seu valor artístico e o seu contexto religioso.

Por fim, realizámos uma partilha de ideias e opiniões na torre “Avista Navios”, onde os participantes revelaram a sua opinião acerca do que tinham visualizado. Muitos destacaram que, apesar de serem da Região, nunca tinham visitado o museu,

desconheciam a riqueza do seu património, para muitos a experiência tornou-se surpreendente e enriquecedora, e com vontade de voltar.



Figura 34 - Visita orientada – Utentes do Ginásio da Barreirinha (Foto Arq. MASF)

CAPÍTULO V- APRECIÇÃO CRÍTICA

Apreciação crítica

O estágio permitiu reconhecer a relevância dos serviços educativos como instrumento de mediação cultural e o impacto positivo da sua adaptação ao público sénior. A receptividade manifestada nos lares e, em menor escala, no próprio museu, confirmou que este público valoriza fortemente a oportunidade de contacto com o património e beneficia da dinamização de atividades que estimulam tanto a memória como a socialização.

Não obstante, enfrentaram-se algumas dificuldades, sobretudo relacionadas com a acessibilidade física do museu, cuja entrada por escadaria condiciona a participação de visitantes com mobilidade reduzida.

Apesar destes constrangimentos, a experiência foi enriquecedora, na medida em que fomentou a capacidade de adaptação, a criatividade na procura de soluções e a consciência crítica sobre o papel social do museu. A decisão de levar o museu até aos lares surgiu precisamente como resposta a estas dificuldades, revelando-se uma estratégia eficaz para ultrapassar barreiras e, ao mesmo tempo, reforçar o compromisso com a inclusão cultural. Em termos pessoais e profissionais, esta experiência contribuiu significativamente para o desenvolvimento de competências de planeamento, comunicação e mediação, que serão determinantes para o meu futuro profissional.

Impressionou-nos o modo como este público, quer no museu, quer nos lares, manifestou vontade de aprender, de ouvir as histórias ligadas a determinados objetos. Inicialmente, mantêm-se em silêncio, mas, com o tempo, começam a participar e a partilhar as suas próprias histórias de vida e a relacioná-las com o que escutam e contemplam. Mesmo aqueles que apresentam algumas limitações, quer a nível cognitivo, quer na capacidade de expressão, escutam atentamente e demonstram vontade de compreender. Muitos deles emocionavam-se, entusiasmavam-se e até chegavam a chorar quando algo os fazia recordar momentos significativos da sua vida, no caso concreto do Museu de Arte Sacra, com momentos em que a Igreja, os rituais, as viagens e as relações com outros estiveram presentes.

A partir deste estágio, integramos a equipa dos Serviços Educativos, apresentando-nos como uma mais-valia na oferta cultural do Museu. O público sénior pode contribuir para o enriquecimento do conhecimento que temos sobre a vida e o mundo.

Tenho, no entanto, de referir que, sendo colaboradora do Museu de Arte Sacra, instituição onde realizei o estágio, nunca deixei de cumprir as minhas funções que, num museu com as características do nosso, são diversas. Devo dizer também, em abono da verdade, que me foi sempre prestada a colaboração de que fui necessitando ao longo deste tempo, tendo o tema do meu estágio sido acolhido, na Instituição com entusiasmo.

Aprendi que todos podem ajudar a criar a imagem de um lugar onde se aprende a olhar de outro modo para a nossa missão de sermos um *museu com* e não um *museu para...*

Relação entre o mestrado de Gestão Cultural e o Estágio Realizado

A área da **Gestão Cultural** assume-se como um campo interdisciplinar que procura articular o património cultural com estratégias de mediação, valorização e acessibilidade, promovendo uma relação significativa entre as instituições culturais e os diferentes públicos. Florêncio (2015):

A educação patrimonial tem se tornado cada vez mais presente nas instituições do património, bibliotecas, arquivos e museus, espaços responsáveis pela guarda e proteção de bens que materializam a história e a memória da sociedade. Tão logo, as práticas educativas nesses aparelhos contribuem para a construção do conhecimento coletivo, bem como promove a consolidação da identidade.

Neste sentido, o estágio intitulado “A Educação Patrimonial no Museu: Mediação com o público Sénior e os Serviços Educativos” revelou-se uma oportunidade para aplicar, de forma prática, os conhecimentos adquiridos no Mestrado em Gestão Cultural, nomeadamente no que respeita ao planeamento, implementação e avaliação de programas culturais e educativos.

DeVereaux (2009) defende que:

gestão cultural é o termo utilizado para designar um vasto conjunto de práticas relativas à gestão de organizações culturais e atividades culturais para alcançar uma variedade de finalidades, incluindo a produção, distribuição, exibição, educação e outras atividades relacionadas dentro de uma variedade de setores, incluindo organizações sem fins lucrativos ou com fins lucrativos e o público.” A Gestão Cultural não se limita à administração de recursos e à organização de atividades; envolve sobretudo a capacidade de criar pontes entre o património e os públicos, assegurando que o acesso à cultura seja inclusivo, participativo e significativo (p.155)

A educação patrimonial tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante nas instituições de salvaguarda do património, como bibliotecas, arquivos e museus, responsáveis pela preservação de bens que materializam a história e a memória da sociedade. Neste contexto, as práticas educativas desenvolvidas nestes espaços contribuem não apenas para a construção do conhecimento coletivo, mas também para a consolidação da identidade cultural.

A escolha do público sénior como foco de intervenção mostrou-se particularmente pertinente, uma vez que este grupo etário, frequentemente menos valorizado nas práticas museológicas, possui um vasto capital de memórias, experiências e saberes que podem ser ativados através de processos de mediação cultural. Assim, ao promover atividades de educação patrimonial orientadas para a partilha de histórias de vida e para a interpretação de objetos museológicos, foi possível estabelecer uma dinâmica de diálogo intergeracional e de valorização da identidade cultural. A educação patrimonial funciona como uma alfabetização cultural. Ao trabalhar com seniores, constatou-se que a mediação cultural ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, transformando-se num processo dinâmico em que o património funciona como catalisador de diálogo, emoção e envolvimento.

Do ponto de vista da Gestão Cultural, este estágio permitiu refletir sobre a importância dos serviços educativos como áreas estratégicas na programação museológica, capazes de reforçar a missão social e cultural dos museus. Daí Avelar (2013) aponta que:

defender que um gestor cultural é o: “Profissional que administra grupos e instituições culturais intermediando as relações dos artistas e dos demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços

culturais e o público consumidor de cultura; ou que desenvolve e administra atividades voltadas para a cultura em empresas privadas, órgãos públicos, organizações não-governamentais e espaços culturais (p. 52).

A experiência demonstrou que a mediação com o público sénior não só amplia o impacto cultural da instituição, como também contribui para o cumprimento do princípio da democratização do acesso à cultura, central no campo da gestão das organizações culturais.

Assim, a articulação entre o estágio e a área da Gestão Cultural demonstra que a mediação no museu não deve ser entendida como um complemento, mas antes como uma função nuclear, essencial para a democratização da cultura e para a sustentabilidade das instituições culturais. Os serviços educativos, ao trabalharem diretamente com diferentes comunidades, tornam-se instrumentos fundamentais na concretização da missão cultural e social dos museus, contribuindo para a sua relevância no tecido social contemporâneo. Neste sentido, o estágio realizado constituiu uma oportunidade para aplicar e consolidar os princípios da Gestão Cultural, evidenciando como a educação patrimonial, orientada para públicos específicos como o sénior, é uma via privilegiada para promover inclusão, participação e valorização do património cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio desenvolvido permitiu aprofundar a compreensão do papel dos serviços educativos na mediação museológica, particularmente junto do público sénior, um segmento menos representado na realidade quotidiana do museu, habitualmente marcado pela predominância de grupos escolares. Através das atividades realizadas, tanto no espaço museológico como em lares, foi possível verificar que a mediação dirigida a este público não só promove o acesso à cultura, como também contribui para o seu bem-estar, a valorização pessoal e o reforço da memória coletiva.

Importa ainda salientar que o Museu de Arte Sacra apresenta algumas barreiras físicas à plena participação do público sénior, nomeadamente o facto de o acesso principal ser feito unicamente através de uma escadaria. Esta limitação condiciona a fruição das atividades por parte de visitantes com mobilidade reduzida, dificultando a concretização de uma mediação inclusiva. Nesse sentido, a opção de levar o museu aos lares revelou-se uma estratégia fundamental para colmatar esta dificuldade, permitindo que pessoas que não conseguiam visitar o espaço pudessem, ainda assim, usufruir da experiência cultural.

Apesar de algumas limitações, nomeadamente ao nível dos recursos e do tempo disponível para consolidar as práticas iniciadas, considera-se que o trabalho desenvolvido constituiu um contributo relevante para a diversificação dos públicos do museu e para a reflexão em torno da inclusão cultural. Futuramente, seria pertinente aprofundar este caminho, através da criação de programas regulares e sustentáveis para seniores, garantindo assim uma verdadeira democratização do acesso ao património cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, M., & Jesus, C. (2018). O museu como contexto de educação comunitária: Um projecto de promoção do envelhecimento bem-sucedido. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 23(1), 9–26.
- Afonso, A. J. (s.d.). Sociologia da educação não-escolar: Reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? Em J. Esteves & S. R. Stoer (Orgs.), *A sociologia na escola: Professores, educação e desenvolvimento*. Porto: Afrontamento.
- Argan, G. C. (1993). *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baião, J. (2009). *Museus e museus: Uma reflexão*. Lisboa: FCSH-UNL.
- Barriga, S., & Silva, S. G. (Coords.). (2007). *Serviços educativos na cultura* (Coleção Públicos). Porto: SETEPÉS.
- Brandão, C. F. (2004). *Estrutura e funcionamento do ensino*. São Paulo: Avercamp.
- Brandão, J. (1996). Acção cultural e educação em museus. *Cadernos de Museologia*, 5. Universidade Lusófona.
- Burke, E. (2013). *The first conservative*. New York: Basic Books.
- Carvalho, A. G. (1993). Museus de História Natural (10ª ed.). Em M. B. Trindade, *Iniciação à museologia* (pp. 232–255). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cavaco, C. (2002). Aprender fora da escola. Em C. Cavaco, *Percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.
- Custódio, J. (2000). Educação patrimonial. *Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*, 1(4), 10–11.
- Delors, L. (2000). *Educação: Um tesouro a descobrir* (6ª ed.). Porto: ASA.
- Ferreira, A. M. L. (2013). *Escola inclusiva e comunidade local: Um estudo sobre as parcerias e os museus num território educativo de intervenção prioritária* (Tese de doutoramento). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

- Figurelli. (2013). *Desenvolvimento do público interno: Uma proposta de metodologia para um programa educativo direcionado aos funcionários de museu*.
- Gadottli, M. (2005). A questão da educação formal/não-formal. *Sion: Institut International des Droits de l'Enfant*,
- Gohn, M. da G. (2001). *Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo no terceiro setor*. São Paulo: Cortez.
- Gohn, M. da G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(27–38).
- Horta, M. L. P., Grunberg, E., & Monteiro, A. Q. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- International Council of Museums (ICOM). (2022). *Museum definition*. <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition>
- Libâneo, J. C. (2002). Reflexividade e formação de professores: Outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? Em S. G. Pimenta & E. Ghedin (Orgs.), *Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez.
- Matias, T. (2013). *Educação não formal: A importância das salas de estudo* (Relatório de mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- Mendes, J. (2013). *Estudos do património: Museus e educação* (2ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mendes, M. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal* (Dissertação de mestrado em Educação Artística). Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.
- Nora, P. (1984). *Entre mémoire et histoire*. Paris: Gallimard.
- Peralta, E., & Anico, M. (Orgs.). (2006). *Patrimónios e identidades: Ficções contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.
- Silva, S. G. (2016). Transcrição - Entrevista realizada a Susana Gomes da Silva. Em Sampaio.

Trilla, J. (1993). *La educación fuera de la escuela: Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel.

Trilla, J. (2008). A educação não-formal. Em V. Arantes (Org.), *Educação formal e não formal: Pontos e contrapontos* (pp. 15–58). São Paulo: Summus.

Trilla-Bernet. (2003). *La educación fuera de la escuela: Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel.

Von Simson, O. R. M., Park, M. B., & Fernandes, R. S. (Orgs.). (2001). *Educação não-formal: Cenário de criação*. Campinas: Editora da Unicamp / Centro de Memória.

LEGISLAÇÃO

UNESCO. (2003). *Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage*. Paris: UNESCO.

Portugal. (1985). *Lei n.º 13/85, de 6 de julho: Lei do património cultural português*. Diário da República, n.º 153/1985, Série I, 1865–1874. <https://dre.pt/>

Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro. (2001). *Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural*. Diário da República n.º 209/2001, Série I-A. <https://dre.pt/>

Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho. (2009). *Estabelece medidas para a salvaguarda do património cultural imaterial*. Diário da República n.º 114/2009, Série I-A. <https://dre.pt/>

Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto. (2015). *Altera o Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, sobre salvaguarda do património cultural imaterial*. Diário da República n.º 148/2015, Série I

ANEXOS

Anexo I- Formulários de solicitação de visitas



Documento de solicitação de visita de estudo orientada
Serviço Educativo

1. Programação da visita de estudo

Data pretendida 15 / 03 / 2024 Hora: 15h30
Número de elementos que constituem o grupo: 12 Ano de escolaridade: Universidade Sénior
Idade dos elementos (estimativa): > 50 anos
Nível de ensino: Universidade Sénior de Câmara de Lobos
Existe algum elemento no grupo portador de algum tipo de necessidade educativa especial ou limitação físico-motora? Não

2. Dados da escola / instituição


Nome da escola / instituição: Casa do Povo de Câmara de Lobos
Morada: R. Dr. João Abel de Freitas n.º 41, Edif. O Centro piso 1
Freguesia: Câmara de Lobos Concelho: Câmara de Lobos
Telefone da escola: 291628063 Fax: _____
Contactos do responsável pela organização da visita de estudo:
Nome: Laura Sousa
Tel.: 291628063 E-mail: uni.senior.ci@gmail.com

3. Planificação

De acordo com a(s) disciplina(s) promotora(s) da visita de estudo, especifique e enumere, no quadro seguinte, o(s) conteúdo(s) programático(s), objetivo(s) e competências para o ciclo de estudos em que esta visita de estudo se enquadra.

Disciplina 1 : Língua Portuguesa e Cultura Disciplina 2 : _____
Conteúdos: _____ Conteúdos: _____

Objetivos:
Visitar a doação de ícones do D. Teodoro e outros espaço que foram alvo de restauração.

Objetivos: _____

Assinatura do requisitante

18/03/2024
Local e data



MASF
FUNDAÇÃO MUSEOLÓGICA

Documento de solicitação de visita de estudo orientada
Serviço Educativo

1. Programação da visita de estudo

Data pretendida: 18/03/2024 Hora: 14h15
Número de elementos que constituem o grupo: 47 Ano de escolaridade: 4º ano / 2 turmas
Idade dos elementos (estimativa): _____
Nível de ensino: 1º Círculo do Ensino Básico
Existe algum elemento no grupo portador de algum tipo de necessidade educativa especial ou limitação físico-motora? Não

2. Dados da escola / instituição

Nome da escola / instituição: Escola Maria Eugénia de Carvalho
Morada: Rua da Mouraria n.º 29
Freguesia: São Pedro Concelho: Funchal
Telefone da escola: 291 220 802 Fax: _____
Contactos do responsável pela organização da visita de estudo:
Nome: Filipa Silva
Tel.: 965796969 E-mail: silva.filiparubina@gma.com

3. Planificação

De acordo com a(s) disciplina(s) promotora(s) da visita de estudo, especifique e enumere, no quadro seguinte, o(s) conteúdo(s) programático(s), objetivo(s) e competências para o ciclo de estudos em que esta visita de estudo se enquadra.

Disciplina 1: Estudo do Meio Disciplina 2: _____
Conteúdos: A descoberta dos Outros e das Instituições Conteúdos: _____
Objetivos: _____
- Conhecer aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal

Funchal, 6 de fevereiro 2024
Local e data

Filipa Silva
Assinatura do requerente